

REVISTA ^{DA} SEMANA



UM LIVRO NOTAVEL COMO SE TRIUMPHA NA VIDA

Meios e qualidades que
permitem alcançar
exito e fortuna

Segue os conselhos d'este livro e a tua vida de
mediocre e miseravel se tornará facil, interes-
sante e elevada. Serás um homem superior e
conseguirás a fortuna. Serás querido e res-
peitado

Um volume de 226 paginas
custa apenas 2\$000 réis

Pedidos á Secção Editora do "Jornal do Brasil"

110 — Avenida Rio Branco — 112

Pequeno Anúncio e Informações Úteis

Medicos

Molestias das creanças. — Dr. E. Bandeira de Mello. — Clinica exclusivamente de creanças. — Cons.: rua da Assembléa 43, ás 4 horas. Teleph. 5, villa. — Só attende a doentes da sua especialidade.

Dr. Antonio Pedro. — Molestias internas. — Rua da Assembléa 98, de 1 ás 3, nas segundas, quartas e sextas.

Dr. Annibal Faller. — Clinica medica. — Cons.: rua da Assembléa, 83, (das 3 ás 5) — Res.: Avenida Gomes Freire, 114.

Dr. Oliveira Botelho. — Cura rapida da tuberculose. — Consultorio: rua Marechal Niemeyer, — 91 Botafogo.

Dr. Ernesto Alves — clinico medico. Consultorio, Rua Assembléa, 83, 3 ás 4. Residencia, Rua dos Bandeirantes, 23. Telph. 2.242, Villa.

Dr. Henrique Duque — Consultorio, rua da Assembléa, 83; residencia, Avenida Gomes Freire, 114.

Doenças da garganta, nariz, ouvidos e bocca. — Cura garantida e rapida da eczema — Dr. Eurico de Lemos, professor livre da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Rua da Carioca, 36, das 12 ás 6 da tarde.

Doenças do aparelho digestivo e da nutrição: obesidade, diabetes, rheumatismo, asthma, etc. — Raios X.

Dr. Renato de Souza Lopes — Especialista — Professor livre da Faculdade de Medicina. — Exames pelos raios X. S. José, 39, de 2 ás 4 h.

THEATROS

Municipal — fechado.

Lyrice — fechado.

Phenix — fechado.

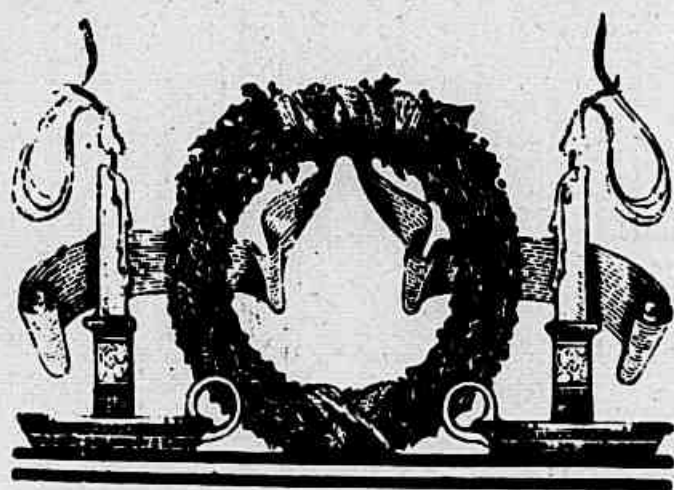
Republica — « O 31 », revista.

Apollo — « Grão de Bico », revista.

S. José — « Mexe-Mexe », revista.

Carlos Gomes — « Ultima do Dudu », revista.

Palace — variedades.



A SEMANA

Domingo	21	No dia 24, dia
Segunda.	22	feriado, Promulga-
Terça.....	23	ção da Constitui-
Quarta...	24	ção da Republica.
Quinta...	25	Lua — Cheia a 27
Sexta.....	26	
Sabbado.	27	

HORA BRASILEIRA

Conforme a hora legal adoptada em 1 de Janeiro de 1914)

Quando na cidade do Rio de Janeiro são 12 horas ou meio-dia em ponto é tambem meio-dia em todos os pontos do Brazil, com excepção de Manáos e Cuyabá onde são 11 horas; Cruzeiro do Sul e Rio Branco onde são 10 horas.

A hora de qualquer Estado é regulada pela da respectiva Capital.

Serviço Telephonico de UTILIDADE PUBLICA

SERVIÇO DE INCENDIO

Quartel general — Central 580

Estação Norte — Norte 581.

" Sul — Sul 420.

" Este — Norte 583.

" Oeste — Villa 684.

" Noroeste — Villa 585

" Sudoeste — Sul 86.

Assistencia Municipal — Central 255

POLICIA CIVIL

Portaria — Central 221.

Chefe de Policia — Central 2.281.

1ª Delegacia Auxiliar — C. 2.302.

2ª " " — C. 2.303.

3ª " " — C. 2.304

POLICIA MILITAR

Quartel General — Central 4.820.

(Mesa de ligações para todas as dependencias)

PREFEITURA

Portaria — N. 249.

LIGHT AND POWER

Reclamações por falta de corrente — Central 4.200.

Revista da Semana — Central 79

Casa Rocha — Exames scientificos da vista gratuitamente por profissional habilitado. Officina especial para fabricação e collocação de vidros em oculos, pincenez, binoculos, etc. Médrado Rocha, Rua da Assembléa, 56.

RESTAURANTES

Café o Restaurante Delicia — Especialidade em iguarias. Bebidas finas de todas as qualidades, nacionaes e estrangeiras. Aguas mineraes, etc. Asseio e commodidade nos preços. — Oliveira Pontes. — Rua 7 de Setembro, 44. — Telephone 1.945, Central.

Restaurant Jany — Cozinha de 1ª ordem. — Bebidas de todas as qualidades. — Candido J. da Cunha. — Rua Marquez de Abrantes, 2. — Telephone 733, Sul.

A Angelica é a agua que faz a cutis branca, tornando-a macia e fresca, tirando as sardas, pannos e rugas. — Vende-se nas principaes casas de perfumarias.

Generos alimenticios — Bons e baratos. — Praça José de Alencar. — Colombo.

ADVOGADOS

Escritorio de Advocacia Civil e Commercial de J. Borges do Rego. — Solicitador. Escritorio Praça Tiradentes, 73, das 10 ás 5 da tarde. Residencia Rua Senador José Bonifacio, 66. (Todos os Santos). — Telephone n. 196, Central.

Leiterias

Em todas as "Leiterias Bol" encontra-se á venda a sua optima « Manteiga Bol » fresca, fabricada com creme pasteurizado de fino aroma, agradável paladar e isempta de microbios e germens nocivos. — R. Ferreira Leite. — Telephone 509, Norte. — Casa Matriz, R. Gonçalves Dias, 73.

Leiteria e Sorveteria Carioca. — Rua da Carioca, 39. — Neste modelar estabelecimento encontram-se os especiaes sorvetes de creme e fructas e o excellente leite pausterizado da Serra da Mantiqueira. — Telephone, 6246. Central. — Gonçalves Sylvestre.

Leiteria e Sorveteria Ypiranga. — Manteiga Ypiranga. Especialidade. Kilo 3\$200. — Travessa de S. Francisco de Paula, 24 — Telephone 3.552, Central.

Leiteria Minerva. — Leite pasteurizado, manteiga especial com e sem sal. — Rua do Cattete, 311. — Telephone n. 1.541.

SYLKALE

O sabonete da senhora elegante
no
PARC ROYAL

Pequeno Anúncio e Informações Úteis

A Auxiliadora Jurídica —
Praça Tiradentes, 77, 1º andar. —
Única que faculta aos seus asso-
ciados a fiscalização na Inspectoria
de Leite, das amostras apprehendi-
das nos estabelecimentos dos srs.
negociantes de laticínios, por um
chimico de sua inteira confiança;
pela modica quantia de 20\$000 mens-
saes e 10\$000 a titulo de joia no
acto da inscripção. — Norberto Lu-
cio Bittencourt. — Advogado Pre-
sidente.



VAPORES ESPERADOS

- 20. Itapuca, Portos do Sul.
- 20. Sergipe, New York, escs.
- 21. Itaquera, Parahyba, escs.
- 21. Itaipava, Aracajú, escs.
- 21. Léon XIII, Rio da Prata, escs.
- 22. Desna, Liverpool, escs.
- 22. Orion, Rio da Prata, escs.
- 22. Corcovado, New York, escs.
- 23. P. Mafalda, Rio da Prata.
- 23. P. Umberto, Genova, escs.
- 23. Vasari, Rio da Prata.
- 23. Guahyba, Portos do Sul.
- 24. Itajubá, Pelotas, escs.
- 24. Itapema, Portos do Sul.
- 25. Itatinga, Portos do Sul.
- 25. Floride, Bordéas, escs.
- 26. Piahy, Camocim, escs.
- 26. Deseado, Rio da Prata.
- 27. Merity, New York, escs.
- 27. Indiana, Rio da Prata.
- 28. Itassucê, Parahyba, escs.
- 1. Brasile, Genova, escs.

VAPORES A SAHIR

- 20. Bahia, Portos do Norte.
- 20. Mucury, Pará, escs.
- 21. Léon XIII, Bilbáo, escs.
- 22. Desna, Rio da Prata.
- 22. Satellite, Amarração, escs.
- 23. P. Mafalda, Genova, escs.
- 23. P. Umberto, Rio da Prata, escs.
- 23. Vasari, New York, escs.
- 25. Floride, Rio da Prata.
- 26. Deseado, Liverpool, escs.
- 27. Indiana, Genova, escs.
- 27. Maroim, Portos do Sul.
- 1. Maranhão, Portos do Norte.
- 1. Brasile, Rio da Prata, escs.



Em 24 horas, cura-se o habito
da embriaguez com o «SALVINIS»
e «GOTTAS DE SAUDE», que se
vendem nas drogarias: Pacheco, no
Rio de Janeiro e Baruel & Comp.,
em S. Paulo.



Trabalhos typographicos a preços
modicos, em todos os generos. Zinco-
gravura, photogravura e trichromia.
Prospectos e impressos commerciaes.
Relatorios. Livros. Nas officinas do
Jornal do Brasil

Vende-se um notavel quadro do
celebre pintor italiano Guido Reni
(seculo XVII). Informa-se na redacção
da *Revista da Semana*.

Institutrice française. Parle l'an-
glais et l'allemand. Diplome. Les
meilleurs références. Lettres a mille.
Renoir. Rua do Aqueducto, 201-A.

Subaluga-se com contracto por
um anno, lindissima casa no bairro de
Botafogo para familia de tratamento
Agua quente e fria canalizada para os
quartos. Dois quartos de banho. Ins-
tallação electrica. Fogão a gaz. Todo o
conforto moderno. Tambem se vende
a mobilia Maple, moveis de arte, ta-
petes turcos e persas, que guarnecem
a casa. Cartas á *Revista da Semana*, a
J. C. N.

Trocam-se selos postaes do Brasil,
do tempo do Imperio, contra selos de
Portugal e Colonias dos reinados de
D. Maria, D. Pedro V e D. Luiz. —
Alvaro de Carvalho, rua do Ouro 66,
Lisboa.

POZIOMKA
Rouge inalteravel
de MME. SELDA POTOCKA
no PARC ROYAL



— O meu filho pode vir a ser um bom
pianista?
— Talvez...
— E tem as condições requeridas
para ser um grande executante?
— Sim, tem duas mãos.

SE AMOU, PORQUE DEIXOU
DE AMAR?

A's nossas leitoras e leitores endereça-
mos esta pergunta palpitante, pedindo-
lhes uma resposta. Esta não deverá
exceder de dez linhas.

Todas as respostas nestas condições
serão publicadas, e um objecto de arte
será offerecido á auctora ou auctor da
mais bella das repostas, dentro do perio-
do de tres meses. Damos a seguir, como
exemplo de respostas, algumas phrases
de personagens celebres nas lettras e na
historia.

Amei por ignorancia; deixei de amar
por experiencia.

Jorge Sand.

Nunca é tempo perdido aquelle que
se gasta a soffrer pelo amor. Deixar de
amar é deixar de viver.

Musset.

Deixei de amar no dia em que me
senti capaz de atraiçoar. Outras dei-
xam de amar quando se sabem atrai-
çoadas.

Ninon de Lenclos.

Deixei de amar quando cheguei
á idade da razão.

Voltaire.



Cartomante —
Mme. Olympia.
Única que dá con-
sulta sobre qual-
quer assumpto;
tem um breve que
se consegue tudo
o que se quizer.
Rua Marechal Flo-
riano, 63, sobrado.—Consultas: 9 ás 9.

Cartomante espirita, medium in-
tuitiva, fazendo trabalhos garantidos,
para realizar negocios os mais difficeis;
cura doencas por meios completamente
desconhecidos no occultismo, tendo o
consultante em poucos dias a prova
da verdade e da seriedade deste tra-
lho; na rua de Sant'Anna n. 211.

Cartomante — Mme. Tagild, ini-
ciada nos mysterios do occultismo,
possuidora de grande poder em sci-
encias occultas, diz o presente, o passa-
do e prediz o futuro; faz quaesquer
trabalhos para o bem estar, como
sejam: casamentos difficeis, reconci-
liações, embaraços commerciaes, etc.,
á rua da Carioca 57, 1º andar.

Pequeno Anúncio e Informações Úteis



Hotel Pensão Verdi — Rua do Cattetete n. 196. — Teleph. sul 376.

Charutarla Allen — Importação directa de charutos de Havana, cigarros e tabacos estrangeiros. Escolhido sortimento de artigos para fumantes. Experimentem os deliciosos cigarros desta casa. — Rua da Assembléa, 106, esquina da R. Gonçalves Dias. — Especialidade em fumos nacionaes. — Telephone n. 1.088. Central.



CARTAS — 100 réis para o interior e 200 réis para o exterior, por 15 grammas ou fracção deste peso.

CARTAS-BILHETE — 100 réis para o interior e 200 réis para o exterior, cada uma.

• **BILHETES POSTAES SIMPLES** — 50 réis para o interior e 100 réis para o exterior, cada um.

BILHETES POSTAES DUPLOS — 100 réis para o interior e 200 réis para o exterior, cada um.

BILHETES POSTAES PARTICULARES — 50 réis para o interior e 100 réis para o exterior, cada um.

EXPRESSOS — A correspondencia expressa pagará a taxa de 500 réis por objecto, além das outras taxas a que estiver sujeita.

MANUSCRIPTOS — 100 réis para o interior e 80 réis para o exterior, por 50 grammas ou fracção deste peso.

A primeira taxa para o interior não pode ser inferior a 200 réis.

IMPRESSOS — 20 réis para o interior e 50 réis para o exterior, por 50 grammas ou fracção deste peso.

Os maços de impressos não podem exceder o peso maximo de 2 kilogrammas.

JORNAES E REVISTAS — 10 réis para o interior por 100 grammas ou fracção deste peso e 50 réis para o exterior por 50 grammas ou fracção de 50 grammas.

AMOSTRAS — 100 réis para o interior e 80 réis para o exterior por 50 grammas ou fracção deste peso.

A primeira taxa para o exterior não pode ser inferior a 120 réis.

As amostras não podem pesar mais de 350 grammas.

ENCOMMENDAS PARA O INTERIOR — 100 réis por 50 grammas ou fracção deste peso.

E' obrigatorio o registro das encomendas cujo premio é de 200 réis por objecto.

Taes objectos não podem ter o peso superior a 3 kilogrammas.

ENCOMMENDAS PARA O EXTERIOR — A Repartição Geral do Correio e as Administrações de Pernambuco, Bahia, Minas e S. Paulo executam o serviço de *colis-postaux* com Portugal, Alemanha e Estados-Unidos.

Peso maximo: 3 kilogrammas para Portugal e 5 kilogrammas para a Alemanha e Estados-Unidos.

PO' DE ARROZ HYGIENIOC
de MME SELDA POTOCKA
no
PARC ROYAL



— *Devemos caminhar para a frente caminhar sem descanso, caminhar...*
UMA VOZ: — *Caminhemos para as portas, meus senhores...*

Agencia Domestica — Creados competentes e afiançados para casas de familia, hotéis, pensões, etc. Amas de leite com attestado de conceituados medicos. Todo creado da "Agencia Domestica" acompanhado de uma caderneta de assentamentos com o respectivo retrato. Avenida Rio Branco n. 137, 1º andar, (sala 12). Telephone 4.495, Central.

RECEITAS DE COSINHA

Ovos MEXIDOS. — Almoçavam em minha casa Roussado e Vidal.

Porque o leitor de certo vae perguntar como fiz eu uma descoberta de tanta importancia? Bem. E' o que lhe vou contar. Foi um puro acaso. Outros por talento natural e entranhando amor ao estudo conseguem muito; é notorio; mas, a inspiração tem occasiões em que vae de vez bater no vinte e eu, conheço-o hoje, estava inspirado...

Almoçavam elles em minha casa. Como verdadeiros filhos de um povo que tem a honra de haver chegado a uma idade historica rasoavel, ambos elles possuiam o sentimento da magestade das ruinas, e fixavam melancolicamente a ossada de um frango que ali mesmo se havia despido das fracas posses de sua carne em beneficio do nosso appetite e demonstração profunda do nada das aves de penna.

A tibia espinha de um linguado e um resto de sardinhas de Nantes, estavam para ali nos pratos como folhas rasgadas, dispersas, do livro do passado: letra morta para todo o appetite novo.

Procuravam nossos olhos vagamente o tecto, mas a alma da casa não disia nada, como nunca dizem as de casas de homens como eu, sem avós nem historia; e outra vez tivemos de olhar para a mesa, não tanto porque nos interessasse o effeito pittoresco d'ella, senão porque as lembranças que nos

acordava tinham aquelle agro doce que faz viver de haver vivido.

Esmorecida a conversação; a saudade ia levar-nos de novo para as sardinhas...

— Não! disse-lhes eu. Seria barbaro. Venha outra cousa!

Roussado, sem dizer uma palavra, interrogou-me deitando lume pelos olhos como os diabos das magicas.

— Que outra cousa? entou Vidal.

Hesitei. Realmente não tinha; não me lembrava o que pudesse ter... N'isto minhas vistas avidas demoram-se n'um açafate com ovos.

— Ovos mexidos! lhes digo.

— E' como se nos offerecesses um antigo! exclama Vidal.

Eu piquei-me, não tanto como amphitryão, mas como cozinheiro.

— Não, meu amigo! Não é um antigo: é, para vocês, uma novidade!...

— Vaes temperal-os com sal attico?

Partir os ovos, batel-os, pegar da frigideira e pol-a ao lume, foi obra de um só instante. Roussado deitou-me a luneta. Vidal, ao ver-me ir direito á manteigueira, sorriu-se, dizendo:

— Velha historia. Agora derrete-se a manteiga, depois deitam-se os ovos, pimenta e sal, — colher para mexer tudo — depois comel-os.

— Não! gritei...

E:

Zaz — *atirei a manteiga para dentro do prato, bati-a com os ovos — deitei tudo ao mesmo tempo na frigideira, com umas pedras de sal, mexi, mexi, tirei-os de um grande lume, porque este prato é não só notavel pela simplicidade de elementos que o compõem, mas pelo pouco tempo que leva a confeccionar, tirei-os parecendo ainda meios crus, a mexel-os sempre, para acabarem de se fazer pelo caminho e não endurecerem, polvilhei-os de pimenta e os apresentei na mesa.*

Foi um extase.

— Que delicia! diziam os meus amigos. Que mundo de vantagens em não derreter primeiro a manteiga, como quasi toda a gente por ahi faz. Toque-mos no teu copo, Julio!

Beberam ternamente á minha saude. Vidal quiz fazer-me uns versos. Roussado, que privava com os que no ministerio da justiça estão em relações com o poder ecclesiastico, prometteu-me uma benção de Sua Santidade. Depois foi para fóra, e não sei em que ficou isso. — *Julio Cesar Machado.*



— *Uma esmolinha para um pobre orphão.*

— *Pobre pequeno! Ha muito tempo que perdeste teu pae?*

— *Não senhor. O orphão é meu pae.*

Dioxógen

"O GRANDE DEPURADOR DA BOCCA"

Limpa os dentes e as gengivas pela destruição dos germens que pullulam na bocca.
A sua acção de borbulhar e espumar não cessa até se conseguir a limpeza hygienica da bocca e dos dentes.

Attinge lugares inacessíveis á escova.

Não contem granulações que possam gastar ou offender o esmalte.

Pelo uso constante do "DIOXOGEN", de manhã e á noite, evita-se qualquer inflammação da garganta. Constitue tambem uma protecção efficaz contra quaesquer dcenças oriundas de germens nocivos que penetram no organismo pela cavidade oral.

Outra feição do "DIOXOGEN" muito apreciada pelos fumantes, consiste em purificar o halito. O "DIOXOGEN" é um germicida—um verdadeiro destruidor de germens—e não simples antiseptico. Entretanto, o seu uso é absolutamente inoffensivo quer interna, quer externamente.

EXIGI DIOXOGEN, não acceteis substituto! Pois não ha producto que com elle possa rivalisar

The Oakland Chemical Company, New-York, E. U. A.

UNICOS AGENTES PARA O BRASIL:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

RIO DE JANEIRO E S. PAULO

NER-VITA

RECUPERAE AS VOSSAS FORÇAS!

Quando vos sentirdes debil, cansado, sem ambição e sem energia, será porque o vosso corpo requer um tonico, um tonico que restabeleça as forças perdidas, e esse tonico deve ser

NER-VITA

pois NER-VITA contem todas as substancias necessarias para restituir ao organismo a actividade physica e intellectual que lhe falta! Experimentae o

NER-VITA!

A' venda em todas as Pharmacias e Drogarias

Unicos agentes para o Brasil:

PAUL J. CHRISTOPH Co.

Rio de Janeiro e S. Paulo

REVISTA DE SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

Anno XVI — N.º 2 — Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1915

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 79 CENTRAL

Redacção Administração e Officinas

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 — Rio de Janeiro

DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro :50 francos

AVULSO 400 RÉIS

EDIÇÃO DA SECÇÃO EDITORA DO JORNAL DO BRASIL



Serenata de Pierrot

Vae a noite em declive... Ainda palpita
Guizalhante o rumor do Carnaval.
Tudo me faz chorar, tudo me irrita,
A alegria dos outros me faz mal.

Sem rumo certo, alheio, indifferente,
Vago perambulando pela rua,
Com os olhos presos dolorosamente
Na somnolenta mascara da Lua.

Pobre do bandolim ! Trago-o em pedaços
E cantando ou chorando, a cambalear,
Vejo-te em toda a parte, abro-te os

[braços,

Alongo os braços para te abraçar...

Como te quero, Amor ! Como é tamanha
A dôr que soffro e o coração não diz !
Longe da tua silhueta estranha
Não posso nem fingir que sou feliz.

Fraco, com a dôr do teu despreso, em
[cada
Olhar vendo a expressão do teu olhar,

Rólo numa sargeta de calçada,
Cérro os olhos e ponho-me a sonhar.

Appareces-me em sonho. Ardente e

[louca

Os olhos lindos e o perfil hebreu,
A bôcca unida inteiramente á bôcca
De outro Pierrot mais bebedo do que eu.

.....

Cinzas. Rompe a manhã parda e tris-

[tonha

Em dilucidamentos matinaes.

...Continúa dormindo... Que vergonha !

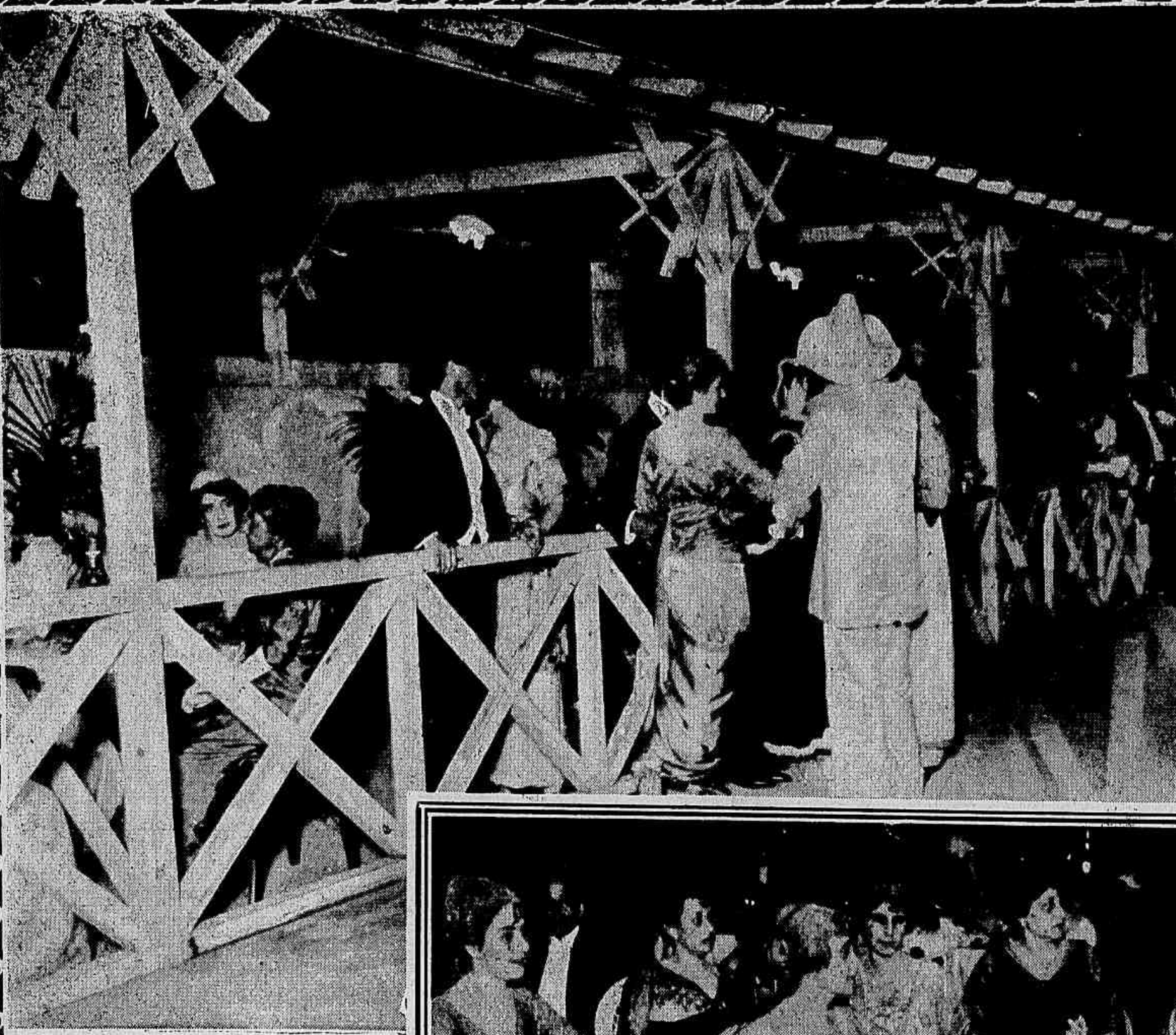
Um vulto branco de Pierrot... Bebeu

[demais !

Do Angelus

OLEGARIO MARIANNO.

O Garden-Tee
 Dansant
 do
 Automovel Club
 do
 Brasil



1, 2 e 3—Aspectos da assistencia

SE a nota elegante do carnaval de Petropolis foi a recepção da Embaixada Americana, a nota elegante do carnaval do Rio foi, incontestavelmente, a festa oferecida nos seus vastos jardins pelo Automovel Club.

O aspecto do recinto, pela sua disposição e ornamentação, offerecia logo um quadro original e distincto á reunião, a





que concorreu uma sociedade selectissima. Aos vestidos de baile e ás casacas de rigôr juntavam-se os *pierrots*, os *dominós*, a polychromia das fantasias. Nesses salões que eram jardins e nesses jardins que a presença dos convidados havia transformado em salão, o *s. t. carioca* resplandeceu em toda a sua senhoril distincção. Foi uma festa modelar, como cumpria que fosse a de um Club com as tradições de superior elegancia do A. C. B., e que

deve animar-o a proseguir nas suas iniciativas mundanas.

Entre a assistencia citamos de memoria: Mme. Jorge Santos, Sra. Condessa de Carapêbús e Mlle. Olga de Carapêbús, M^{re}. José Bello, Mme. Guimar Carneiro da Rocha, Mmes. Gracie, Nair Azevedo Teixeira, Mlles. Zaira Marques, Teixeira de Barros, Heitor Cordeiro, Edina Pederneiras, Thereza Marques, Mc. Neill, Lila Leite Garcia,

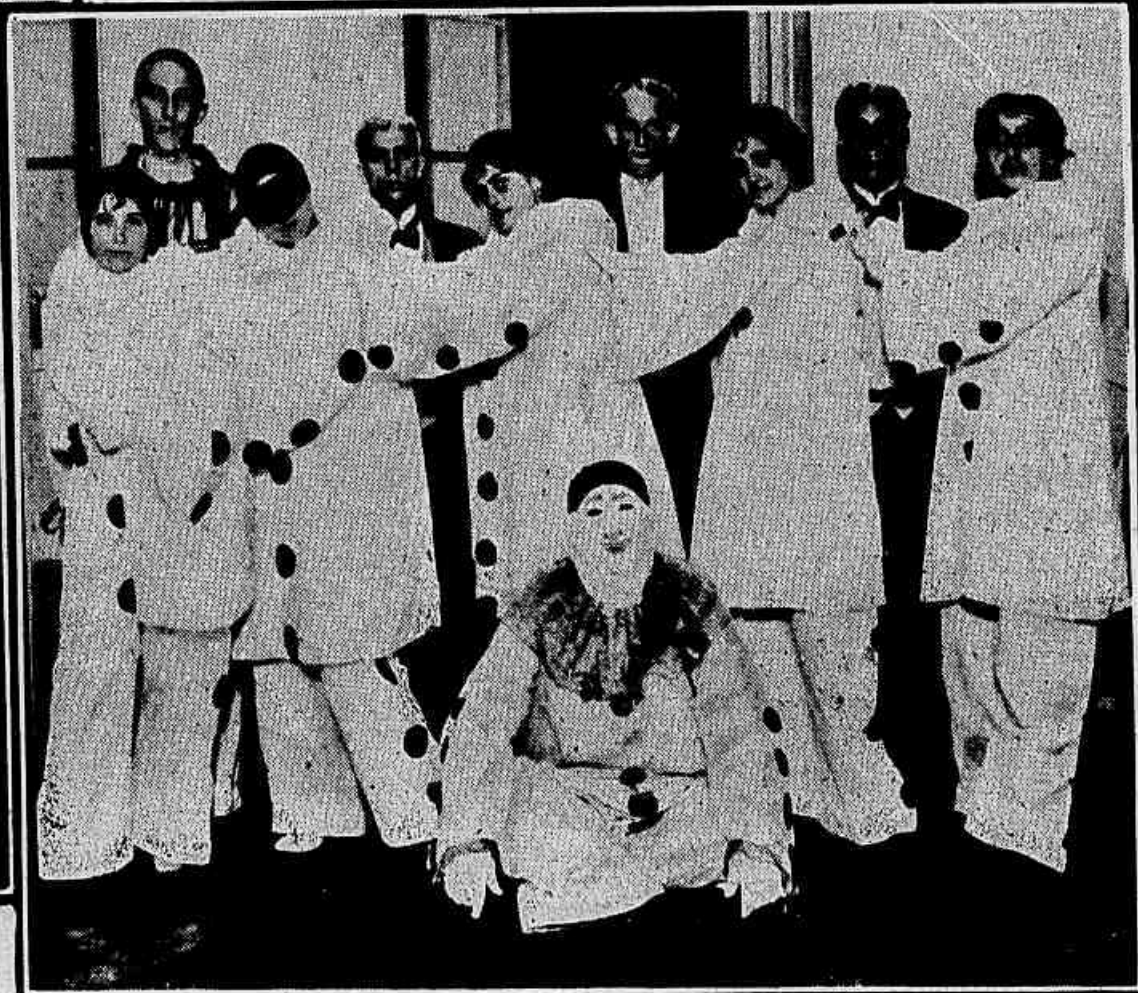
Mme. e Mlle. Ferreira d'Almeida, Mlles. Annita Paranhos, Anna Paranhos, Haridé Guimarães, Marietta Bezerra, Debora Marques, Ernestina Mello, Margarida Dias, Teixeira Dias, Josephina Harseman, Christina e Anna Fausto Castro Cerqueira, Ruy Barbosa, Silva Freire, Sylvia Almeida, Mmes. Galvão Bueno, General Amorim, Vieira Romeiro, Trompowsky, Bello Sidney Haddock, Lobo, etc...



1—O grupo de dominós amarelos que foram a nota alegre do baile. 2—Um grupo no jardim

NO CLUB DE S. CHRISTOVÃO

Foi uma festa distincta a que a Directoria do elegante Club de S. Christovão organisou e offereceu aos seus socios e convidados na noite de Segunda-feira, e na qual o nosso redactor-photographico colheu alguns grupos de mascaras, além



da amavel Directoria do S. Christovão, que gentilmente se detxou photographar para a "Revista da Semana".

A BELLESA

O homem participa de duas naturezas: a externa e a interna. A externa, mais objectiva, prende-o ao mundo natural. A interna, mais subjectiva, prende-o ao mundo espirital. Pela natureza externa elle está em contacto com a Terra; pela natureza interna, elle se communica com o Céu. E' esta dualidade o que constitue verdadeiramente a vida. Todas as virtudes e todos os sentimentos bons, vêm-lhe do mundo interno. Todos os vícios e todos os sentimentos maus, vêm-lhe do mundo externo.

A Belleza, que na sua acceção verdadeira quer dizer — perfeição, só póde ser positivamente comprehendida e aspirada pelo homem interno.

Na Terra, onde tudo é relativo e imperfeito, a Belleza se affirma por uma certa quantidade de qualidades que põem o homem mais em contacto com a sua natureza interna do que com a sua natureza externa.

A harmonia das fórm materiaes constitue-se em belleza, não porque agrada aos olhos, mas porque lembra ao espirito as harmonias da primeira natureza de que elle participa. Não é propriamente a Belleza, mas sim um espelho della. Na mulher, a plasticidade das formas agrada, sem duvida, por isso mesmo.

No emtanto, o que impressiona, o que arrebatá, o que dá origem a paixões violentas, não é a harmonia das fórm materiaes, mas sim alguma cousa de mais sub-

jectiva, de mais espirital, que se casa e se harmoniza plenamente com a natureza interna de homem.

Entre a mulher em que predomina a bondade, a graça, a viveza de espirito e aquella que tenha por attributo unico a plasticidade, a harmonia das formas, por certo será preferida a primeira, porque é, incomparavelmente, mas bella que a segunda.

Approxima-se aquella muito mais da perfeição e satisfaz muito melhor a natureza interna do homem do que esta, de onde se conclue que a Belleza é sempre um attributo mais do espirito que propriamente da materia.

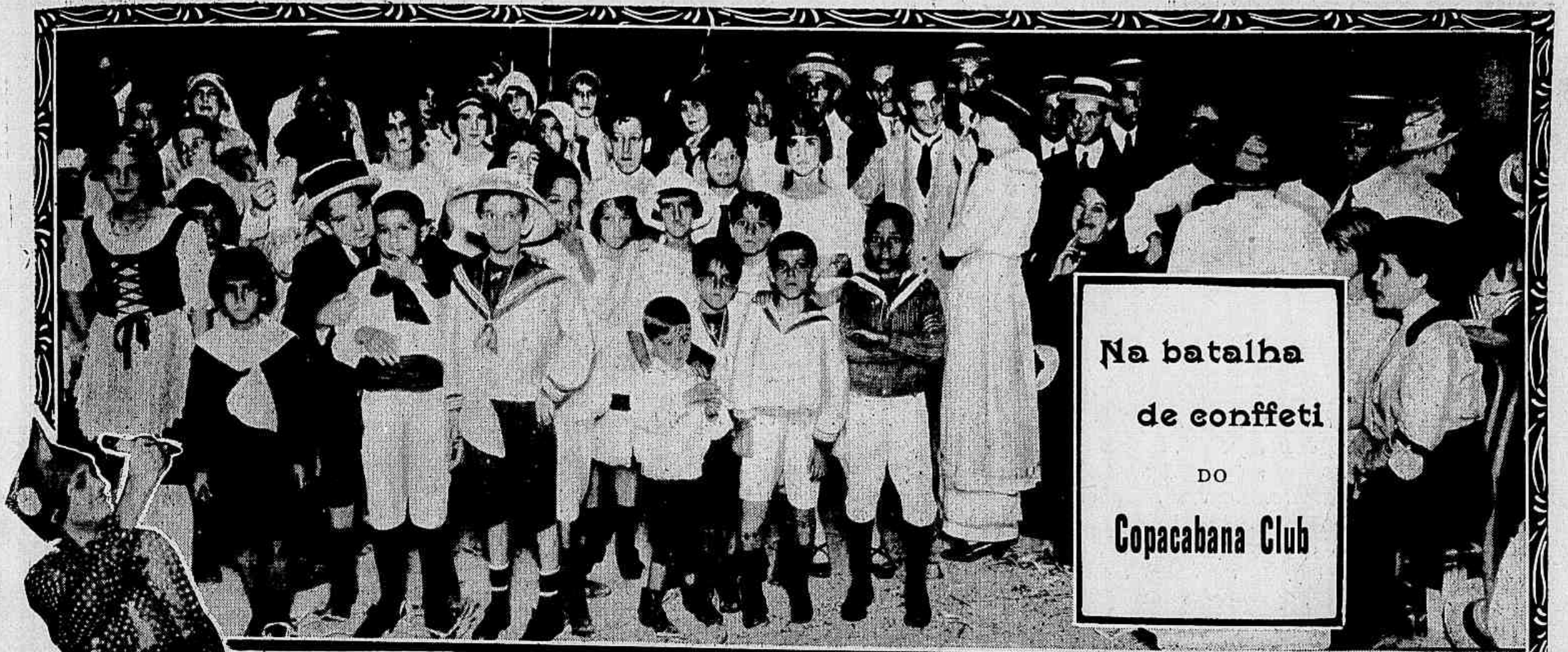
As obras de arte provam, de modo cabal, esta asserção. Na estatuaría, na pintura, na musica, na poesia, tem-se a confirmação plena do que affirmamos.

A mulher, sendo a obra mais perfeita da criação, deve ter, para agradar uma tal ou qual harmonia de formas, mas para ser positivamente bella, deve reunir, a estas formas agradaveis, uma certa somma de qualidades adquiriveis, além da viveza do espirito.

Estas qualidades são, sem duvida: — a bondade, a graça, o cultivo das artes, sobretudo da musica, que requinta os sentimentos, a educação, em summa, que é uma trilha luminosa para a perfeição.

Assim, a mulher bella será aquella que tenha as fórm mais ou menos harmonicas e que seja, ao mesmo tempo, boa, graciosa, intelligente, educada e prendada.

J. ELYSIO DO COUTO.



Na batalha
de conffeti
DO
Copacabana Club





Mlle. Galvão Bueno

A MULTIDÃO delirava. A Avenida Rio Branco, de ponta a ponta, iluminada, parecia feita de um só corpo, convulsivo e rumuroso, palpitando, em fremitos de epilepsia. Era a loucura.

O povo ama o prazer e o movimento. A sua alegria é feita de todas as aspirações seculares, premidas de geração em geração e que estalam, nos grandes dias, em atroadas tremendas, em agitações hystericas, transformando os homens, as mulheres, as crianças, enlouquecendo, embriagadoramente...

Desde o dia remoto, em que Dyonisus, domando os homens, lhes ensinou a virtude do prazer subtil, a multidão, deslumbrada, nos tres dias immortaes, revive a vida antiga, o doce minuto de adoração á carne triumphante e amavel...

Mas, eu contemplava a multidão delirante e rumorosa. Em torno a mim a algazarra, definitiva e violenta, tinha exuberancias heroicas. Todos os guinchos, trilos, apitos, atroos, o rumor complexo de um turbilhão de vozes, aturdiavam-me jovialmente. E, dentre a multidão, perturbada e sonora, echoava a saudação antiga: — Evohé!...

Entontecido, suffocado de ether, refugiei-me no primeiro bar e pedi absyntho. Ao meu lado, um velho jovial bebia cerveja, em goles vastos, estallando a lingua saboreiadamente. Os labios vermelhos e grossos, pendiam, num sorriso de sensualidade impetuosa; os olhos chispavam, rutilantes, concupiscencias terriveis... E, todo elle, tremendo de sagrado desejo, olhava a turba palpitante e fremente.

Pedi mais cerveja e bebeu com impeto. Depois, pousando o copo:

— Estes barbaros da Germania são notaveis... Dyonisus detesta-os. Mas esta cerveja merece a complacencia dos deuses...

O velho sorriera. E, subitamente, na

alegria do bar, tive a revelação inesperada Ergui-me, n'um cumprimento.

Sileno, meu amigo, se o ether, não me perturba, nem o absyntho me entontece, és tu, borracho secular e glorioso, satyro amavel que dominavas as lindas mulheres de Argolida. Sêde bem vindo, eu te saúdo!...

Sileno agradecia, com o rosto roseo e jovial, todo aberto num grande sorriso.

— De que te espantas tu?... Eu vivo ainda. E' certo que durante seculos, os homens mãos me exilaram da terra. E com a ultima estatua mutilada de Athenas fugi dos bosques de loureiros, onde vivi, durante toda a adolescencia da humanidade, bebendo vinho doce, na Hellade formosa. Que queres?... Os homens me esqueceram. Durante seculos, trataram-me com os piores nomes. Si ás vezes apparecia numa escapade (permiti o gallicismo, actualmente falo o francez) na terra, esconjuravam-me. E velhas repellentes insultavam-me, chamando-me a perdição do mundo. Deixei o teu planeta, meu amigo, e vivi socegado alguns seculos seguidos. Hoje, porém, as cousas mudaram. A principio as minhas visitas eram rapidas e assustadas. Ia á Veneza, nos tres dias de carnaval, passeava nas gondolas; dançava nas mascaradas do palacio do doges; frequentava as villas perfumadas dos cardeaes galantes; e, com Alexandre VI e Cezar Borgia, assisti a ceias memoraveis, no Vaticano, quando ainda o Sanzio começava a decorar o com a maravilha eterna de seu pincel prodigioso. Eram, contudo, estas, estas muito differentes, dos festins antigos no Palatino no tempo dos Cesares, meus amigos. Já ninguém mais morria suffocado de rosas; nem Petronio existia com a sua elegancia e o seu espirito. Mas, ainda assim, já se podia divertir. O cardeal Bembo deu algumas ceias que

não foram más. E Leão X, já pontifice e rei, muitas vezes, o vi junto a mim coroado de rosas, como os cezares antigos. Era o começo da minha resurreição. Depois succederam-se cousas espantosas no mundo. Um povo longinquo, quasi ignorado no meu tempo, nos confins da Iberia, descobriu novos rumos, navegou novos mares, povoou novas terras. De começo, não o me agradavam esta regiões barbaras e recentes., povoadas d uma raça nova e incerta, sem gosto e sem arte. Mas disseram-me que a tua terra era magnifica, louvaram-me a paysagem, o clima, a doçura sensual da raça e eu vim. Ah! meu amigo que linda terra é a tua. Vim num dia de carnaval e não sahi mais. E' o meu canto. Aqui viverei a minha immortalidade. Começo a comprehender o teu povo, faço-me litterato e leio os teus poetas, que confraternizam commigo. E, nestes tres dias, de carnaval não sei que te diga — mas, francamente, é melhor do que a Grecia.

Sileno, quasi ebrio, parou e pediu mais cerveja. Depois, lançando olhares terriveis em redor, continuou vehemente:

— A tua terra é bella, como eu a adoro! Olha esta sala. Como são bellas as mulheres!... Na Hellade eu tinha uma fama pessima. Mas te confesso não era verdade. Eu sou um sujeito serio. Só tenho uma paixão: beber. Olho e... bebo — nada mais.

A cerveja chegava. O borracho secular embebedava-se heroicamente. Ergueu o braço pedindo um feixe de thyrsos. Todo o seu corpo fremia do sagrado desejo da dança antiga. Mas, subitamente, no rumor do bar a orchestra echoou, em notas claras, dengosas, languidas, requebradas, n'um maxixe authentico e vibrante.

Sileno erguera-se transfigurado:

— Salvé povo magnifico que descobriste o maxixe, a dança excelsa que dá aos homens o divino dom do esquecimento...

E, em cambalhotas, em saltos, agar-



O "Set"
Carioca

Mlle. Vera Pimentel Brandão

(Clichés Bevilacqua)

Mlle. Esther Monteiro de Barros

rando-se á primeira mulher que passava, o velho beerrão cahiu no bamboleiro requebrado, macio, cheio de dengues pingando graça e volúpia...

Tentei segui-o com a vista. Mas o absyntho e o ether começavam a fazer effeito. A vista turvava-se-me. E, no barulho terrível do momento, entre os pares que se agitavam Sileno se subdividira, transformando-se numa multidão de seres identicos, cheios do mesmo desejo e da mesma embriaguez. Abri os olhos, fortemente, procurando-o em torno, Saudei-o:

— Salve Sileno! Sileno!

E, como uma replica á minha evocação, todo o bar parecia fremir n'uma gargalhada convulsiva, como se repetisse hystericamente: Salve! Salve! Sileno beerrão secular da Grecia heroica...

PAULO DE GARDENIA.

Noticiario Elegante

O noticiario hoje é ainda carnavalesco. Todo o set carioca, desde domingo ás primeiras horas de quarta-feira, só pensou n'uma cousa: — no carnaval. Os bailes succederam-se, em todos os salões, em todos logares. Na Avenida, a multidão delirava, em phrenesis deslumbrantes. E, quando morreram as ultimas horas da madrugada de quarta-feira, morreram os ultimos echos do carnaval de 1915...

As festas elegantes foram numerosas. Mas as mais elegantes foram a *matinée* infantil do *Binoculo*, á qual compareceram as familias mais illustres da grande sociedade carioca; o *corso* de automoveis, em Botafogo; o baile do A. C. B., e o baile do embaixador americano sr. Edwin Morgan, em Petropolis.

MATINÉE do *Binoculo* — Realizou-se no Theatro S. Pedro a deslumbrante festa infantil. O theatro parecia uma corbelha cheia de flores raras. As creanças dançaram, riram deliciosamente, entre nuvens douradas de confettis. E, quando a orchestra executou o *galope* final, um turbilhão de palmas e de vivas coroou a festa deliciosa e deslumbrante.

REGISTREMOS, rapidamente, aqui, tanto quanto nos permite o es-

paço, alguns mones illustres que abrihantaram a *matinée* do *Binoculo*. Quasi todas as senhoras trajavam-se de branco.

MME. Betim Paes Leme, de branco um lindo vestido, admiravel de elegancia; Mme. Coelho Barreto, distinctissima, de linho branco; Mme. Bittencourt, tambem de branco; Mme. Chagas Leite, de *voile* branco, prodigiosa de elegancia, de graça e de belleza.

Mme. Germana Boetcher, lindo vestido branco, muito bem feito; Mme.

tro, dr. Porchat Bellegarde e muitos outros cavalheiros.

MERECIAM especial destaque as fantasias das lindas creanças: Jorge Betim Paes Leme, de *Hollandez*; Amelia Veiga, de freira e Sylvia Murtinho de *Dançarina*. A encantadora menina Maria de Lourdes Jatahy que se apresentou fantasiada de *Gazeta de Noticias* conquistou o primeiro premio. Foi, incontestavelmente, uma linda festa.

CORSO — Foi a grande festa elegante do carnaval de 1915. A maravilhosa Avenida de Botafogo rutilou de graça e de belleza. As mais lindas mulheres cariocas, formosas como joias, fizeram o *corso chic* entre nuvens douradas de *confetti*, trocando sorrisos que prendiam mais do que as cadeias frageis das serpentinhas multicores.

MME. ESTHER CAMINHA, no seu magnifico *landau*, loira e jovial como um raio de sol, parecia uma flor que, por um capricho carnavalesco, si tivesse fantasiado de mulher...

Mlle. Maria Bustamante, no alto de seu automovel era um lindo *Pierrot* irresistivel. Muito graciosa, muito cheia de espirito e de belleza os seus olhos negros como diamantes antigos rutilavam sorrisos inesqueciveis. Mlle. foi talvez o mais encantador dos *Pierrots*.

No hospital da Cruz Vermelha, "Imperial Hotel", de Nice — Mme. Julio de Moraes, Sr. Julio de Moraes e a Princesa Murat.

Sylvia Sampaio, com a sua encantadora *silhouette* de verdadeira parisiense, trazia um elegantissimo vestido branco *rayée* de negro; Mme. Luiz de Rezende, de creme; Mme. Gaby Coelho Netto, de branco, sempre elegante, distincta e encantadora.

ENTRE OS cavalheiros vimos: drs. Felix Pacheco, Coelho Netto, Roberto Gomes, commandante Nelson Guilhobel, coronel Luiz Castello, dr. Carlos de Magalhães, dr. Galvão Bueno, dr. Mario Bulcão, dr. Teixeira de Cas-

O almirante Alexandrino de Alencar, numa linha admiravel, de puro *gentleman*, fazia o *corso* enlulado, com um grande ar de superior distincção.

ENTRE OS innumerados automoveis vimos os de mmes. Gaby Coelho Netto e Coelho Barreto, mme. Paranhos de Macedo, mme. Luiza Bürde e mlle. Cinira Martins, mme. Lalá Chaves Farias, mme Murtinho, mme. Guilhobel Paes Leme, mme. Betim Paes Leme, mmes. Bandeira de Mello e Celina Roxo, mme. Coelho Lisboa, mlle. Rosalina Coelho Lisboa, drs. Humberto Gotuzzo e Ataulpho de Paiva, dr. Carlos Malheiro Dias e senhora, dr. Carlos de Souza Dantas, mlle. Germano Hasslocher, mme. Paulo Hasslocher, dr. Lindolpho Colar e senhora, mme. Germana Boetcher, dr. Alfredo Balthazar da Silveira e familia e dr. Carlos de Magalhães.





Dr. Carlos Veiga Lima

Dr. C. V. L.

O dr. Carlos Veiga Lima pertence á nova geração que, *malgré tout*, faz arte e literatura no Brasil.

Muito jovem ainda, o distincto intellectual, do contrario de quasi a totalidade dos nossos jovens, que fazem versos, faz critica — critica serena, onde ao lado de uma criteriosa observação revela uma cultura notavel e sã como talvez não a tenham os medalhões reluzentes que atravancam as eminecias litterarias.

Escriptor e mundano, o dr. Veiga Lima é um dos mais corretos e finos cavalheiros da grande sociedade carioca.

Medico, com um dos mais brilhantes cursos, onde as distincções rutilam marcando as victorias do seu tirocinio academico, o dr. Carlos Veiga Lima colhe agora, na vida publica, os fructos de seu esforço e de seu preparo scientifico.

Emfim, poderemos reduzir este perfil n'uma simples phrase: — O dr. Veiga Lima é um victorioso.

Na terça-feira á tarde, quando passeava na sua «charrette», pelos lados dos Correios, em Cascatinha, foi Mme. Hermes da Fonseca, distinctíssima esposa do Sr. Marechal Hermes da Fonseca, victima de um lamentavel accidente.

O cavallo da «charrette», que Mme. Hermes guiava, espantou-se; levando o vehiculo em disparada; cahindo ao chão a distincta senhora.

Mme. Hermes foi soccorrida no local do desastre; por seu esposo, o Sr. marechal Hermes e outras pessoas, recolhendo-se depois á residencia do Sr. Dr. Edwyges de Queiroz.

Chamado a toda a pressa o Sr. Dr. Arthur Sá Earp, este facultativo, auxiliado pelos Drs. Gastão Cleros e Gabriel Bastos, fez os primeiros curativos de que carecia a illustre senhora.

O estado de Mme. Hermes, comquanto reclame sério tratamento, não inspira sobresalto.

Mme. Hermes soffreu, entretanto, muitas contusões no rosto e corpo.

O BAILE do A. C. B. na segunda-feira de Carnaval foi brilhante. No palacete da Praia de Botafogo reuniu-se todo o set carioca. O aspecto dos selões, dos jardins, era deslumbrante. Myriades de focos electricos pulverizavam de luz as *toilettes* maravilho-

sas das mulheres, as ricas fantasias, os *travesti* custosos.

A NOTA elegante foi aquelle mysterioso e irresistivel dominó negro que com uma graça infinita e um extraordinario espirito ironisou e seduziu toda a brilhante assistencia.

AS IRONIAS lindas, cinzelladas como uma taça azul de porcellana antiga, voavam dos seus labios vermelhos como borboletas douradas.

Sra. D. Theodora Alvares de Azevedo de Macedo Soares, viuva do saudoso jurisconsulto Conselheiro Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, ministro do Supremo Tribunal, fallecida no dia 11 do corrente nesta capital.



A "Revista" em Petropolis

ORIGINAL é a natureza em Petropolis. Original é a vegetação pujante e grandiosa d'estas serras. Quando a brisa passa, quando o vento sopra pelos cabeços dos morros uma palitação de vida os faz estremecer, um leve murmurio vaga suavemente nas ramagens, com a cadencia de um verso, com a sonoridade de uma phrase musical. Quando o sol desponha apenas, levantando aureola no oriente, toda a ramaria verde rejubila recebendo o primeiro beijo da luz.

Quando está a pino o sol, as arvores exultam na gloria suprema de sua força, erguendo, como braços musculosos, seus grandes galhos para o céu. A' tarde, quando sorratamente, esgueirando-se entre castellos brancos de nuvens, o sol descamba, os bosques das serras ficam mais sombrios do que os outros, ficam mais silenciosos, mais profundos.

Original é a natureza em Petropolis. Aqui, as flores não sabem muito bem qual é a estação em que devem apparecer. Durante todo anno ha flores e tão lindas que em outra parte não haverá por certo iguaes. Cravos, angelicas, rosas, jasmims, dahlias e crysantemos, compõem uma grande e perfumada *corbeille* em cada jardim. Magnolias, muitas magnolias embalsamam o ar que circula pelas longas e quietas avenidas...

E como as flores foram feitas para acompanhar os homens, que as haja sempre pela terra, que todo o dia nasçam muitas e muitas flores é a nossa prece.

UMA grande agitação carnavalesca andou esta semana em Petropolis. Todas andavam em casa atarefadas compondo as fantasias com que deviam apparecer nos grandes bailes do carnaval. Não perderam seu tempo porque estes bailes foram verdadeiramente brilhantes e porque de

facto ricas, riquissimas fantasias appareceram nos salões festivos de Petropolis.

INCONTESTAVELMENTE Momo passa muito bem com os ares da serra. Este ambiente puro e sosegado, estas paysagens de grandes arvores e de altos morros torna-o familiar e verdadeiramente encantador. Momo regenerou-se nas montanhas. Nos salões da aristocracia é um verdadeiro *gentleman* e na rua infunde na alma popular uma alegria sã.

O meio vertiginoso da *urbs* o excita por demais. Em villegiatura, porém, Momo é um homem sobrio, é quasi um deus da temperança.

Dia 11 — Thé-tango offerecido pelo Sr. Armando Quartim, no Palacio de Crystal a algumas pessoas de suas relações. A festa correu intima e encantadora.

Dia 13 — Baile á fantasia no Palacio de Crystal organizado pela commissão de festejos para o Carnaval.

A commissão era composta pelos Srs. Barão de Santa Margarida, Commandante Alberto Rocha, Coronel Frederico Pinheiro, Luiz Liberal. O baile revestiu-se de uma pompa extraordinaria, tendo apparecido no salão do Palacio de Crystal lindas e variadas fantasias. Dançou-se muito durante toda a noite festejando-se assim a entrada nos trez dias de governo do rei Momo.

PORQUE aquella partida brusca Exma? Muita gente, não comprehendeu. Dou-lhe, porém, toda razão, de facto foi muito mal feito da parte d'elle. Mas ficou tão magoado, tão magoado que infundia dó.

Dia 14 — Batalha de *confetti* na Praça D. Affonso e baile na Embaixada Americana.

O baile da Embaixada foi sem duvida a festa mais *chic* e mais elegante do carnaval. Todo o corpo diplomatico e tudo que a nossa sociedade possui de mais fino lá estava ornando de grandiosas e ricas fantasias os bellos salões da embaixada. Houve muita dança, muita alegria e nem se poderia esperar outra cousa de uma festa offerecida por um cavalleiro perfeito e fino como o digno Embaixador Americano.

DELICIOSO o *flirt* do illustre litterato. E nós que não sabiamos que S. Excia. era eximio n'esta arte?!

Dia 15 — Entrudo pelas ruas e matiné infantil no Palacio de Crystal, offerecida pelo Clib dos Diarios á petizada veranista.

Dia 15 — Baile no theatro Xavier offerecido pela commissão de festejos para o Carnaval. Dançou-se muito e brincou-se até tarde da noite.

Mlle. E. A.

MORENA, olhos muito escuros, cabelos castanho escuro, Mlle. tem uma graça especial para se fantasiar. Ficam-lhe bem todas as fantasias romanticas porque Mlle. tem sempre no rosto a expressão doce das sonhadoras e no olhar a expressão abstracta das videntes.

O drama politico portuguez



O movimento mililar de 20 de Janeiro

1—Os officiaes de cavallaria presos, sahindo do quartel de cavallaria 4 para tomarem os automoveis que vão conduzir-os ao caes de embarque, afim de seguirem para bordo dos navios de guerra. 2—Os officiaes aguardando no caes a sua condução para bordo da fragata "D. Fernando". No primeiro plano, sentado, o capitão Martins de Lima. 3—Na calçada da Ajuda, em frente do quartel de cavallaria 4, os officiaes de lanceiros encontram a passagem impedida pela tropa.



CONHECEM-SE hoje, em todos os seus essenciaes pormenores, os acontecimentos que derrubaram o governo Democratico do sr. Victor Coutinho, e contra o qual os partidos Unionista e Evolucionista, o exercito e as classes conservadoras se achavam em tempestuosa opposição.

O pretexto do movimento militar foi a transferencia do major de infantaria 28, sr. Craveiro Lopes, para a Covilhã. O exercito viu nesse acto do governo mais um accinte á corporação. Em todos os quartéis, que a carbonaria vigiava, essa



transferencia disciplinar foi veementemente discutida. A officialidade da guarnição de Lisboa reuniu-se e deliberou pedir ao Ministro da Guerra a revogação da pena, considerada uma affronta ao exercito.

Terante a negativa do Ministro, os officiaes resolveram ir collectivamente ao Paço de Belem solicitar ao Presidente da Republica uma reparação ou a demissão do ministerio. A' officialidade juntar-se-ia uma grande multidão de povo, solidaria com as suas reclamações. O governo, posto ao facto do que se passava, mandou guardar os quarteis pelos carbonarios e fez gorar o movimento, prendendo 61 officiaes e communicando que se tratava de uma rebelião monarchica. Protestando contra esta ver-



ameaçava tomar esse movimento de protesto, o governo pensou paralisal-o sacrificando o Ministro da Guerra.

As opposições não se deram por satisfeitas.

Exigiam a demissão do Ministerio.

O Governo quiz resistir improvisando um contramovimento.

De nada lhe valeu o estratagemas.

O General Pimenta de Castro foi encarregado de

são governamental, grandissimo numero de officiaes da guarnição solidalisaram-se com os seus collegas presos, entregando as espadas. Atemorizado pelo incremento que



organisar um ministerio, que pode chamar-se de reparação ao exercito e á opinião publica.

Assim cahiu em Portugal o predomínio jacobino do sr. Affonso Costa.

1—Os officiaes presos entregando as espadas ao commandante de cavallaria 4, tenente-coronel Souza Rosa. 2—A guarda-fiscal guardando o Palacio Presidencial de Belem. 3—A cavallaria da Guarda Republicana fazendo a policia da cidade. 4—A conducção para bordo dos officiaes presos.

Cartas que se não mandam



talvez, com a phrase do poeta: «palavras loucas leva-as o vento». Para longe de ti levou-as o vento e bem depressa, Magda. O mesmo vento que as levou, levou também as minhas ambições e os meus desejos...



MAGDA,
Que não vá esta carta roubar ao mundo um instante sequer de tua presença, nem de leve perturbar a tua vida *chic* é o que desejo.

Escrevo-te, não porque almeje ainda, como almejei um dia, fazer da tua vida a minha vida e da tua felicidade a minha gloria, mas, porque apesar de toda minha desventura, de todo teu esquecimento, tu ainda és a unica pessoa para quem meu coração ainda falla, para quem ainda eu volvo o pensamento.

Soffrer em segredo, soffrer calado é uma virtude, chorar e fazer com que as lagrimas estanquem á beira das palpebras, para que as não veja o mundo, é um heroismo talvez, mas padecer, triturar na alma uma dor mal contida sem que aquella por quem choramos e soffremos o saiba, é impossivel. Pois bem. Eu tive esta virtude, eu pratiquei este heroismo, mas o que não posso mais fazer é deixar-me a soffrer sem que tu saibas, é continuar meus dez annos de degredo sem te dizer que este degredo é forçado, sem te dizer que minha alma não esquece, como a tua, as instancias da vida, que me não esqueço dos momentos que passei a teu lado e que julguei terem outra significação que não tiveram.

Não tenhas esta carta como uma censura a teus actos, é um simples desabafo.

N'ella vão as rememorações das minhas felicidades e um pouco da historia triste das minhas dôres, não para te apoquentar ou magoar (sei bem que te não magoas com a dôr alheia) mas talvez para incensar teu orgulho de mulher.

Já não te lembras mais, com certeza, do verão que passamos juntos em Petropolis, onde hoje estás desfructando a gloria da tua celebridade mundana. Eras ainda bem criança, dezoito annos, creio, que terias. Não sabias que a mulher podia gozar bem melhor só vivendo para o mundo do que para a felicidade de um triste homem qualquer. Vivias n'aquelle tempo ainda nas antigas crenças, rijas e sãs, da sociedade conservadora, pensavas ainda que no amor (quanto de abnegação e santidade não diz esta palavra!) houvesse felicidade. Por isso

deixaste-me sonhar sonhos tão lindos que ao morrerem fizeram da minha vida uma expiação, da minha crença um deserto e das minhas doces illusões de moço, caveiras que do passado riem ironicamente para mim. Mas estou-me excedendo dizendo cousas que não queria nunca te dizer. Quero apenas descrever-te uma doce quadra da minha vida, a ultima lembrança que guardo da adolescencia.

Lembras-te d'aquelle manhã em que passeavamos juntos pela estrada da Rhenania? Tu me fallaste de sonhos, de felicidades e de alegrias e eu desenvolvia a teus olhos o plano das minhas ambições nas quaes tu entravas como o unico desejo, como a unica razão de ser da minha vida futura. Tu me ajudaste a pintar o quadro das «nossas alegrias». Recebeste minha confissão sorrindo com aquelle sorriso doce que tinhas e que, eu creio, hoje não terás mais. Lembras-te? Havia de ser umas nove horas. Um céu azul muito limpo, muito claro como só Petropolis tem, era o symbolo das minhas esperanças puras, santas, como santa e pura era quem ellas almejavam. Lembras-te d'aquelles lyrios selvagens que colheste á margem do açude e que por muito tempo tiveste de encontro aos labios? Ainda hoje os guardo. Murchos, magoados, disformes, elles são bem uma lembrança d'aquelle tempo.

Lembras-te de «Boy», o S. Bernardo que nos acompanhava sempre. «Boy» ainda me é fiél. Está velho, seu pello já não é mais tão lindo como era, mas em seu olhar intelligente, ás vezes, eu descubro a tristeza que elle sente nos meus dias de hoje e a saudade que guarda dos tempos alegres de ha dez annos. Coitado! Antigamente eu o tratava como companheiro, corria com elle, brincavamos; hoje o trato como um velho amigo que de mim só recebe a cantilena das minhas infelicidades.

«Boy» está velho, muito velho e em breve morrerá.

Então eu não terei mais um olhar amigo, onde vislumbre minha alegria passada, para consolo das horas presentes. «Boy» morrerá, morrerá quem accitou commigo dez annos de degredo.

Lembras-te d'aquelle noite no baile da Embaixada? Tocaram *My Queen*, a velha valsa, e tu dançaste commigo. Não te lembras talvez das palavras que me disseste no terraço. Não, não te lembras, mas eu as não esquecerei. Então? Assim é que seria eterno o teu amor? Assim é que desejavas viver sempre a meu lado, ser a confidente das minhas horas tristes e dos meus dias bons! Responder-me-ás,

Pouco tempo depois d'aquelle baile, eu fui forçado a partir.

Para que choraste na minha despedida? Para que me escreveste tres longas cartas se, alegremente, com o ruido festivo das danças, tu te devias casar dez mezes depois de eu ter partido...?

Após dois annos de ausencia volvi de novo ao Brazil. Desisti de exercer a minha profissão de medico no Rio, para fugir-te. Foi então que, abalado ainda pelo choque que recebera, vim esconder-me no interior de Minas. Ha mais de oito annos que aqui estou Não o sabias talvez.

Já vão fazer tres annos que li em um jornal a noticia da morte de teu marido. Deixou-me indifferente esta noticia. Sim, deixou-me indifferente. Um dia, ha pouco mais de um anno, vinha eu, á noite, a cavallo por uma estrada da roça, quando surpreendi-me a pensar que não te desejava mais... Mas afinal, pensei,... se eu tentasse? Não... eu nunca tentaria... o amor é uma illusão e a morte das illusões é, como a dos homens, irremediavel. As minhas ha muito haviam morrido. Depois eu te sabia feliz, via entre elogios teu nome nos jornaes, sabia-te muito cortejada, muito desejada pelos outros homens.

E's uma mulher moderna, alma mundana e assim deves ser verdadeiramente feliz...

Mario releu as cinco paginas escriptas, esteve a pensar algum tempo e com um gesto de fastio jogou-as para o fundo de uma gaveta.

Quantas cartas assim elle escrevera e não mandára? Quantas confissões tristes de sua vida elle tentára fazer?

— «Para que?» disse consigo mesmo e levantou-se da meza.

— «Vamos Boy».

Boy, que dormia preguiçosamente n'uma esteira, ergueu-se rapido e acompanhou seu amo. Sahiram. Por muito tempo Mario passeou pela estrada solitaria que passava á frente de sua casa. A noite estava muito linda e nas estrellas que brilhavam no alto elle talvez quizesse achar a luz de uma que ha muito se extinguiu em sua vida... Não a via por certo.

Longe d'aquelle recanto de Minas, em um salão florido e brilhante de Petropolis, Magda brilhava em toda belleza de seu corpo entre nuvens espessas de galanterias.

Petropolis—1915.

BRAZ.



O Prefeito de Buenos Aires no Rio

O novo Prefeito de Buenos Aires, do sr. Prefeito do Districto Federal e raty, a bordo

acompanhado de sua familia, dos representantes do Itamaraty, a bordo

Do dia 9, de bordo do *Tubantia*, do Lloyd Real Hollandez, desembarcou por algumas horas no Rio o novo Prefeito de Buenos Ayres, Dr. Arthur Gramajo, a quem o Sr. Ministro das Relações Exteriores, representado pelo Sr. Dr. Luiz de Souza Dantas, nosso Ministro na Argentina, e pelo Sr. Dr. Guerra Duval, introductor diplomatico, e o Sr. Dr. Rivadavia Corrêa, Prefeito do Districto Federal proporcionaram uma visita á cidade e offereceram um almoço nas Paineiras.

Esta devida homenagem de sympathia e deferencia prestada ao Prefeito de Buenos Ayres não só obedece ao programma do Itamaraty de estreitamento de relações affectuosas entre as duas maiores nações da America do Sul, — programma tão superiormente interpretado pelo eminente successor de Rio Branco e por esse diplomata *charmeur* que é o Sr. Souza Dantas, — como tambem proporcionou uma troca de impressões sobre o projecto de uma acção conjuncta dos governos argentino, brasileiro e uruguayo, para a criação de tres temporadas de turismo assim

distribuidas: a de verão, no Uruguay; a do outono, em Buenos Ayres; e a do inverno no Rio.

Este grandioso projecto não é senão o desenvolvimento aperfeiçoado daquelle que o Consulado Geral do Uruguay, no Rio, no fim de Novembro expusera á nossa imprensa e pelo qual, "attendendo ás reciprocas e evidentes conveniencias das capitães do Brasil e do Uruguay, collocadas pela Natureza em condições de poderem ser proclamadas—Rio, *Capital do Inverno*, e Montevideo, *Capital do Verão*, seria de mutua vantagem iniciar uma activa propaganda a favor do turismo nessas duas epocas, propagnando a ida de veranistas brasileiros para as magnificas praias uruguayas na *season* Dezembro-Março, e a vinda ao Rio de turistas platinos no periodo invernal Maio-Setembro». Sabemos de boa fonte que o Sr. Dr. Rivadavia Corrêa se acha disposto a dedicar a esta obra tão bella como util os seus melhores esforços.

Desde agora a *Revista da Semana* applaude calorosamente essa iniciativa e põe as suas paginas ao serviço patriótico da propaganda dessa crusada em que vae empenhar-se o Prefeito Federal.

Página do Poeta



Gloria in vita

Gloria a ti que nas vagas o caminho
Traçaste ao largo vento do oceano,
E no pelago verde içaste, ufano,
As grandes velas tremulas de linho!

Gloria a ti que primeiro ao mar-damninho
Sacrificaste o teu trabalho humano,
E viste o vendaval rasgar o panno
Do velame arrastado em torvelinho;

Que levado n'um surto de ousadia,
Entre o fragor das crespas ondas bravas,
Affrontaste o furor das tempestades,

E propagando a vida que se abria,
Inauguraste sempre onde ancoravas,
O glorioso commercio entre as cidades!

1—Fevereiro—915.

M. JACY MONTEIRO.

Sobre um retrato

Tua querida imagem tendo em frente,
Como se o céu ao meu olhar se abrisse,
Vejo-te agora, enternecidamente,
Retratada na tua meninice.

Vejo-te agora como se te visse
Resurgires creança, de repente:
Com essa mesma expressão e essa meiguice,
Com o mesmo rosto placido e innocente.

Creceste. E' bella. Sentes-te altaneira
Como uma fragil planta pequenina
Que vae dar flôres pela vez primeira...

Ah! Que o genio do bem meus votos ouça:
Se as graças te não vi, quando menina,
Possa ver-te feliz, hoje que és moça!...

JORGE JOBIM.

O vagalume

De quando em quando um triste vagalume,
Como um pingo de luz que não persiste,
Scintilla no ar que em trevas só consiste
E o silencio do cháos lembra e resume,

Sigo-o com o olhar perdido no negrume...
— E' um pequeno pharol que brilha triste, —
Abre aqui, abre alli e, mal existe,
Na treva se desfaz o errante lume.

Porque será que a luz triste e esmaecida
Morre ao nascer, assim como a esperança
Nas vascas da descrença presentida?...

Em vão neste mysterio a mente avança...
E o brilho é fatuo e dubio, á semelhança
Das incertezas de que é feita a vida...

HEITOR CARRILHO

Fallando ao mar

O' glauco mar revolto, altas ondas presagas
Estrugindo, sinistro, ao fragor das procellas,
Em vão sanhudo e forte as aguas arrepellas,
Apostrophando o ceu, a derroçar as fragas...

Em vão no seio teu o tremular das velas,
Envolves a bramir no turbilhão das vagas,
Nunca se extingue, infrene, a furia com que alagas,
A terra aberta em flor nas ondas que encapellas!

O teu clamor persiste exausto e indefinido,
E as ondas a rolar eriçando irancundo,
Na brancura da areia atiras-te profano...

E lembras, revoltado, o intermino rugido
Desse grito de dor que vive pelo mundo
Chorando o eterno mal do soffrimento humano!

24—Janeiro—915.

M. JACY MONTEIRO.

CARNAVAL NAS SALAS



Na soirée da Caravana Smart



Um aspecto da assistência ao baile do Club Fluminense no Sabbado magro

Como illustração ás chronicas que de Petropolis nos envia o nosso distincto collaborador *Braz*, damos hoje alguns instantaneos colhidos por occasião da missa das II, a missa do *smart-set* petropolitano, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a que se referia com fino espirito a chronica da semana passada. *Rendez-vous* da piedade christã e da elegancia mundana, á missa das II concorrem todas as flôres humanas que perfumam e

Aspectos elegantes de Petropolis

adornam os verões de Petropolis. O leitor reconhecerá nessas photographias algumas das *set beauties* do Rio, que nos meses de verão desertam das nossas avenidas abrasadoras e da cônica de Botafogo para a linda cidade serrana.

Pode talvez diser-se com razão que á Petropolis elegante falta ainda essa animada vida que agita, nesta mesma época do anno, as praias do Rio da Prata. Mas essa falta de intensa vida mundana harmonisa-



1 — Da esquerda para a direita: Srs. Henrique Dodswoth, Graça Aranha, Roberto Brandão, Paulino de Souza, Dr. O. Machado, Mlles. Regina Moura e Liberal,



Salvador Santos e sua família.

Dr. Oscar Lopes, Mlle. Oscar Lopes, Fernando Quintino, etc.

2—O.Sr.



A avenida 1º de Março, em Petropolis

se com o ambiente, com o cenário de montanha e de floresta. Petropolis é um sitio de repouso. As vivendas são tão lindas que seria quasi um delicto contra o bom gosto trocar os suas salas deliciosos e as suas salas intimas pelas avenidas poeirintas e pelos salões dos cinemas.



1—O sr. Alvaro Tefé e Senhora. 2—A' saída da missa das 11, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. 3—Grupo depois da missa no largo D. Affonso, vendo-se Mmes.



Leal Liberal e os Drs. Carlos Leal e Lisboa. 4—Um instantaneo ao sair da missa das 11. 5—A Igreja do Sa-



grado Coração de Jesus. 6—Reunião de familias depois da missa das 11.

SORRISOS & FRIVOLIDADES



Todo o Rio lastimava que nas Paineiras, occupando aquelle throno opulento, entre as frescas e humidas florestas e em frente do panorama scintillante do mar, estivesse uma hospedaria de roça, velha e feia, que maculava o sitio privilegiado da natureza e envergonhava a cidade. Nenhum bom carioca ousava aconselhar ao visitante estrangeiro a excursão maravilhosa das Paineiras. Estava lá o hotel, como attestado da incuria e do má gosto nacionaes. Mas um dia, a omnipotente Light offereceu-se, em troca de algumas concessões, para transformar aquillo tudo. O Rio teria, finalmente, graças aos milhões da Light, o hotel modelar de uma cidade tropical, o palacio das delicias, com terraços, varandas, platibandas, arejado pelos macios flabellos das brisas oceanicas, acolhido no regaço sombrio da floresta, entre o murmurio perenne das fontes. O Rio, que já perdera, — por querer demais — o hotel monumental que o sr. Farquahr se dispusera a construir no local do convento da Ajuda, abençoou a Light. Entregaram-se as Paineiras á Light. E, como genuinos brasileiros que nos orgulhamos de ser, satisfazemo-nos com a noticia de que a Light estava edificando nas Paineiras. Mas o que? Ora, o que havia de ser! O hotel monumental, o hotel maravilhoso, o hotel que seria o orgulho da cidade. E ninguem se lembrou de ir lá vêr o que a Light edificava. Só agora, e isso mesmo porque o sr. Rivadavia offereceu um almoço nas Paineiras ao seu collega de Buenos Ayres, se constatou com pasmo que a Light edificara um palacete... para um dos seus directores! Porquanto tempo ainda deverá

a Light illuminar-nos com as suas luzes para que, emfim, saibamos vêr o que nos interessa?



UMA das curiosidades do Carnaval de 1915 foram as batalhas de confetti... familiares. Houve as grandes e classicas batalhas da Avenida Rio Branco e a batalha em Botafogo do A. C. B. e do *Binoculo* (que só mais tarde um Topsius archeologo e sagaz, com a pratica de decifrar hieroglyphos, poderá afirmar se foi a batalha do *Binoculo* ou se foi a batalha do A. C. B.: problema este que nós, contemporaneos, não temos capacidade para resolver). Estas foram, porém, as batalhas de grande espectaculo, o Marne e o Tanenberg da serpentina e do lança-perfume.

Outras houve, numerosissimas, de um genero novo: as batalhas de bairro de rua, de meia rua, de travessa, de largo e de praça. Durante um mez os jornaes nos deram minuciosas noticias destes recontros de tubos de ether (vulgo Vlan) e de rolos de fitas, em que houve muitas victimas... do amor. Hoje, um grupo de gentis senhoritas, no trecho comprehendido entre a rua da Emancipação e o largo do Pedregulho, promovia uma batalha de confetti com os inevitaveis corçtos da Prefeitura. Amanhã, grande batalha de confetti na Estação do Riachuelo, tambem com corçtos. No dia seguinte, monumental batalha na travessa do Alvaro, no Engenho Novo, com grandioso corso entre as ruas Alvaro e Jobim; batalha de lança-perfumes na rua Barão de Sertorio, em Irtapagipe; batalha com bandas militares (como na Flandres) na praça Sáenz Pena, promovida pelas aguerridas senho-

ritas do bairro do Engenho Velho; batalha chic na rua 19 de Fevereiro, em Botafogo, etc., etc... Um nunca acabar de batalhas. Não se descançou de batalhar, provando-se abundantemente a intrepidez nacional. Batalhou-se por toda a parte, no Oriente e no Occidente; e mesmo uma sociedade familiar recreativa annunciou uma batalha de confetti na sua séde, em um 2º andar de S. Christovão, porém sem corçtos e sem corso. No meio de todas estas batalhas, a neutralidade do Brasil foi respeitada. Ainda bem!



QUE PENSA DO CARNAVAL?

SENDO S. M. o Rei Momo, no democratico Brazil (democratico, feni-no e tenente, é claro), a unica cabeça coroada que tem o condão de fazer perder a cabeça a toda a gente, suppomos que não será absolutamente desinteressante para os nossos leitores o inquerito que, entre todas as classes sociaes abrimos para saber o que pensam do Carnaval.



Procuramos um nobre deputado da maioria.

— Que pensa V. Exiª. do Carnaval?

— Não penso nada.

— Não pensa nada!?

— Não senhor, não penso.

— E os seus collegas?

— Tambem não pensam. Eu não penso, elles não pensam, nós nunca pensamos.

— Mas...

— Quem pensa é o leader. Vá lá perguntar!

INTERROGAMOS um pensador.

— Que pensa do Carnaval?

— Deixe-me pensar!

Deixamos pensar o homem. N'um pensador, é tudo quanto ha de mais natural! Voltamos depois á carga:

— E então?

— Não penso nada.

— Como!? Um pensador!?

— Pois por isso mesmo. Não tenho tempo para pensar...

— ...?

— Estou sempre a pensar... n'outras cousas.



ENCONTRAMOS «mademoiselle»:

— Que pensa do Carnaval?

— Penso que é uma epoca em que não se pode pensar n'outra cousa!

— A não ser n'elle!

«Mademoiselle», pensativa:

— N'elle!!!

— Sim, no Carnaval!

«Mademoiselle» cahindo em si:

— Pois claro! Em quem havia de ser?

E lança-nos um sorriso. Os tempos não estão para mais!



ABORDAMOS o pae de «mademoiselle», suado e furioso.

— Olá, seu Goes, venha cá: que pensa você do Carnaval?

— Deixe-me, homem, pelas cinco chagas de Christo!

— Também não pensa?

— Qual não penso. Penso e muito. Penso que é uma cousa que dá muito que pensar!

— Pensa isso?

— Penso, sim senhor. Fiquei aruinado com o Carnaval! E agora dou um tiro na caixa dos pensamentos ou na carteira de um amigo. Vou pensar n'isso.



ABRAÇAMOS o sympathico bohemio.

— Que pensas do Carnaval?

— O' filho, se me emprestas cem mil reis, penso tudo o que tu quizeres! Emprestas?

Não pensou o que nós quizemos.

AMOR NA MONTRA

Madrugada preguiçosa de quarta-feira. No asphalto da Avenida, humida de orvalho, agonisam confettis e restos de raras serpentinhas. Abre-se a montra com ruido. E o primeiro raio de sol, louro e timido, vem mirar-se, coquette, no vidro de um lança-perfume, que desperta estremunhado.

A serpentina — Bom dia, sr. Lança-Perfume.

Lança-perfume — Bom dia. D. Serpentina! Já acordada?

Serpentina — Quasi não dormi! Toda a noite uma gritaria, uma animação! E depois, os meus nervos... E o sr., como passou a noite?

Lança-perfume — Assim, assim... Sempre os intestinos a ralar-me, a ralar-me...

Serpentina — São gases!

Lança-perfume — São gases, são!

Serpentina — Sabe do que nós precisamos? Movimento, muito movimento!

Lança-perfume — Ar, luz, alegria. Não fomos feitos para morrer aos poucos n'uma montra suja e incommoda.

Serpentina — E' isso mesmo. O meu destino glorioso é morrer n'um sorriso de alegria, vivendo em dois segundos uma existencia de ouro!

Lança-perfume — E' bella a sua missão, D. Serpentina!

Serpentina — Tremar de anciedade nas mãos fortes de um rapaz! Alçar-me nervosa e firme no ar illuminado! Tremar de amor ardente, roçar com volupia o perfume da atmospha, subir, subir, subir, cantar um hymno indefinivel que dure um só instante e contém um mundo de melodias para os dois corações que o ouvem.

Lança-perfume (*esguichando de admiração*) — Isso é que é fallar!

Serpentina — E, cahindo extenuada, murmurar aos ouvidos d'ella o segredo que me entregaram!

Lança-perfume — D. Serpentina! D. Serpentina!

Serpentina — Que tem, sr. Lança-perfume? Está todo em ebullicão?

Lança-perfume — Tenho que a adoro, D. Serpentina, que queria ligar ao meu o seu destino, morreremos no mesmo minuto, cumprindo a mesma missão!

Serpentina — Cale-se, por Momo! Está aqui mais gente!

Lança-perfume — Que importa que os outros conheçam todo o perfume da minha paixão! E's bella, Serpentina da minha alma, bella como a luz que em mim reflecte, tentadora como as mãos de fada em que teem morrido alguns dos meus semelhantes!

Serpentina (*comovidissima*) — Sinto desenrolar-se no meu peito a onda avassaladora das grandes paixões.

Lança-perfume — Desenrola, Serpentina, desenrola, que o teu desenrolar não cae em cesto rôto!

Serpentina — Se o senhor falasse serio!

Lança-perfume — Serio! Pois tu não vês como eu ferveo, serpente que me devoras? Quero-te mais do que aos olhos negros onde um dia hei-de evaporar-me.

Serpentina (*assustada*) — E' então uma paixão ardente?

Lança-perfume (*envergonhado*) — Nem por isso! Eu sou Vlan!

Serpentina — Pobre rapaz!

Lança-perfume — Pobre rapaz não! Não queimo, mas... ardo. Quero morrer contigo, perfumar-te o ultimo suspiro, sentir na ultima gôta do meu sangue a ultima vibração do teu sêr.

Serpentina — Morrer n'um ultimo ultimo beijo, que seria o primeiro!

Lança-perfume — Unirmo-nos na morte, unindo duas vidas!

Serpentina — Como era lindo!

Lança-perfume — Como era bom!

Serpentina — E ninguem nos vem buscar! Poupa-nos a vida, para que na morte não encontremos a nossa unica razão de existir!

Lança-perfume — Sinto-me envelhecer estupidamente.

Serpentina — Estou lassa! Sinto-me molle...

Lança-perfume — Os gases! Os malditos gases!...

Serpentina — E os meus nervos!... Morro por morrer!

Lança-perfume — Morro porque não morro.

Serpentina — Sinto um bichinho a roer... a roer...

Lança-perfume — E' o microbio da crise. E' quem nos mata...

Serpentina — Quem nos dá vida? Ninguem nos quer!

Lança-perfume — Só nós nos queremos!

Serpentina — Meu Lança-perfume!

Lança-perfume — Minha Serpentina!

(*Fecha-se a montra, o negociante quebra, cae o panno.*)



A Europa devastada pela guerra



O Diabo e a Morte estão contentes com a guerra
(Composição de Gutierrez).

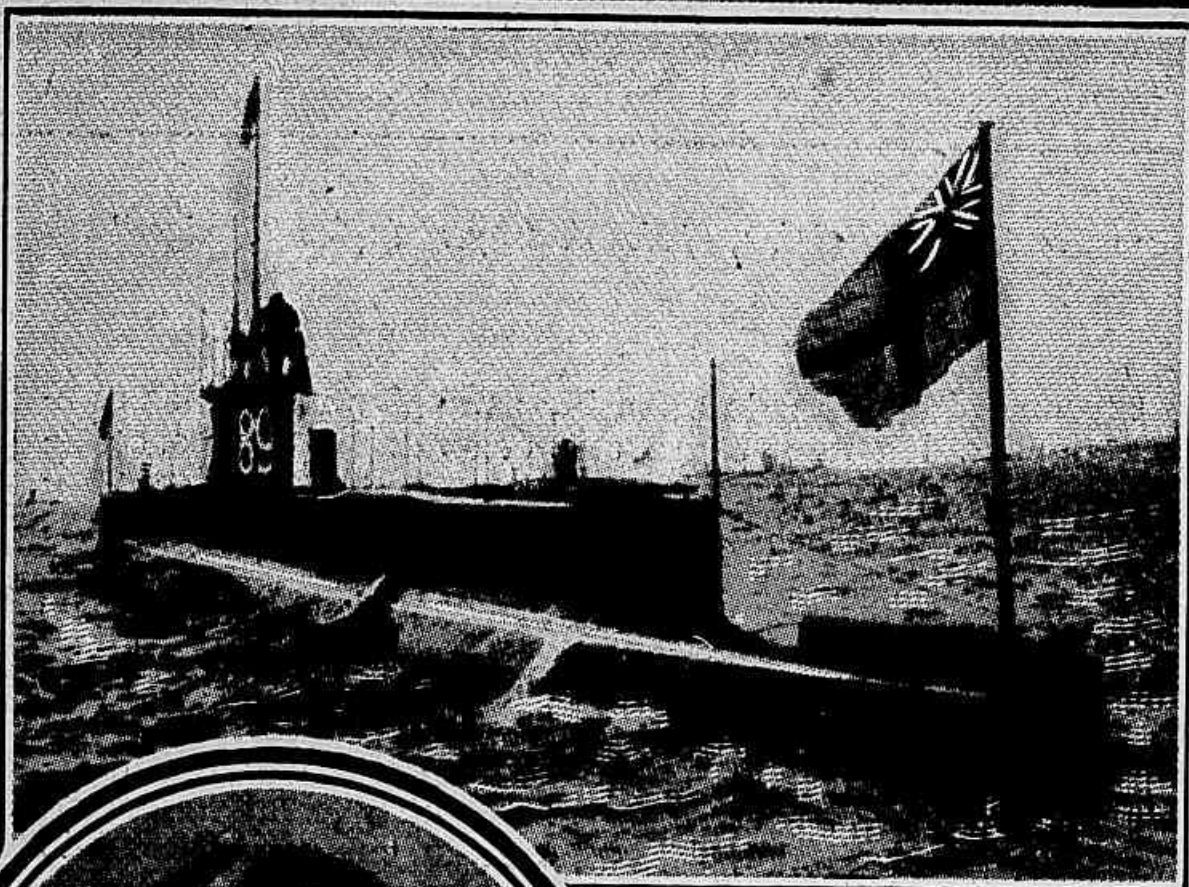


o dia 4. de Fevereiro, o Governo Alemão transmittiu ao mundo o seguinte aviso:

«Tendo a Inglaterra declarado zona de guerra, interdicta a navegação, o mar entre a Escocia e a Noruega, a Allemanha declara zona de guerra todas as aguas ao redor da Grã-Breianha e Irlanda, como tambem o Canal Inglez, (Mancha).

«Do dia 18 de Fevereiro em diante, todo o navio mercante inimigo, encontrado na dita zona, está sujeito á destruição, e não será sempre possível evitar o perigo que correm as vidas dos passageiros que se encontrem nesses navios. Ficam, pois, prevenidos os neutros para que não confiem

á navegação das nações belligerantes passageiros, tripulações e mercadorias. Chama-se tambem a attenção dos interessados sobre os perigos que correm na referida zona os navios mercantes das nações neutras. Se bem que as forças navaes allemãs tenham recebido ordens para evitar todo o ataque aos navios das potencias neutraes, a autorização dada pelo Governo Britannico aos navios ingleses para arvorarem pavilhões neutros, a fim de com elles se protegerem, veio crear um perigo permanente a navegação mercante desses paises. O caminho ao norte das ilhas Shetland, a parte oriental do Mar do Norte e uma facha de 30 milhas maritimas ao longo da costa da Hollanda, ficam abertos á navegação. O Governo Alemão torna publico este aviso



1—O cruzador allemão "Hela", de 2.000 toneladas, torpedado em 13 de Setembro pelo submarino inglez 89. 2—O submarino inglez que poz a pique o primeiro navio allemão. 3—O commandante do E 89, Max Kennedy Harton. 4—A hora grave: A meditação do Kaiser.

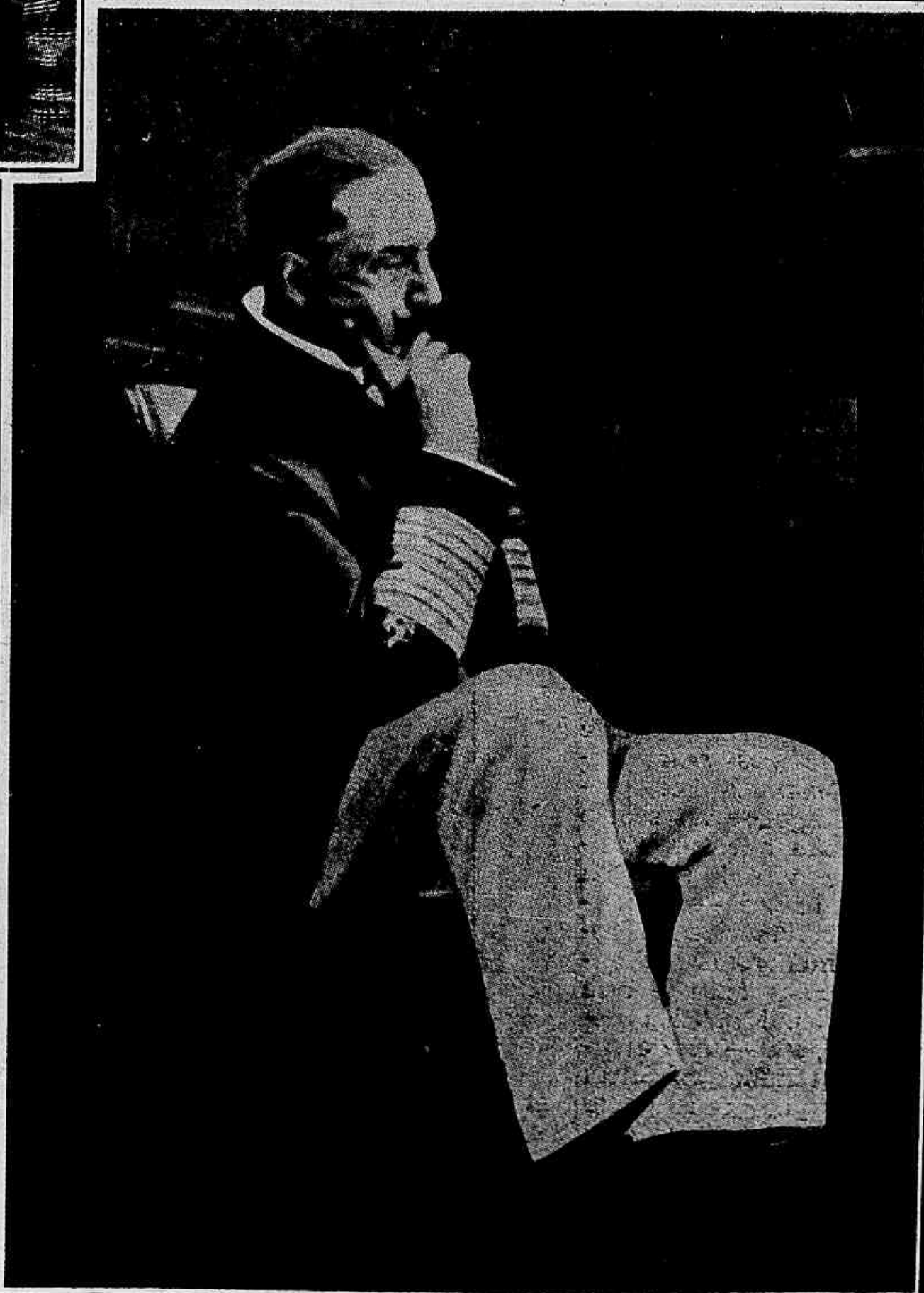


com a antecedencia necessaria para que os navios inimigos e neutros possam allerar o seu rumo e evitar os portos incluídos na zona de guerra—

Ao mesmo tempo que esta alarmante resolução era transmittida por todas as legações do Imperio ás nações, o Almirantado Alemão publicava este communicado officia!:

«A Inglaterra annunciou grandes transporte de tropas e de material de guerra para a França. Esses transportes serão impedidos por todos os meios á nossa disposição. Como deste facto possam resultar para a navegação pacifica graves perigos, este Almirantado Imperial aconselha como a unica rota não perigosa para a entrada nas aguas do Mar do Norte o trajecto ao norte da Escossia ».

Para quantos conhecem o orgulhoso poderio da Inglaterra, até ha pouco rainha indisputada e universalmente admittida dos mares; para todos aquelles que ainda vêm claramente os acontecimentos, indomnes á cegueira facciosa que atacou a quasi totalidade dos nossos escriptores (ce-





Um submarino allemão posto a pique no mar do Norte, nas costas da Belgica, pelo destroyer inglez "Bodger" (24 de Outubro)

gueira que até já obscurece a retina sagacissima de V. V. e o obstina na desconfiança de que os obuseiros de 420 são uma lenda, quando os profissionais ingleses e franceses não só attestam a sua existencia como estudam as condições de tiro desses formidaveis engenhos de guerra), e cuja vista esteja vantajosamente armada pelo oculo de grande alcance, que é a Historia; para quantos, numa palavra, não vêem na guerra européa uma mesquinha questão partidaria, mas sim um grandioso problema historico — estas declarações do Governo e do Almirantado Allemaes devem soar com o estrondo das surpresas as mais prodigiosas.

A Alemanha a pretender bloquear a Inglaterra? Quem podia, ha seis meses, admitir, sequer mesmo como a bravata aneddotica de um castelhano descendente dos fafarões solertes e grandiosamente humoristicos de Lopez de Vega e Tirso de Molina, que a Inglaterra fosse ameaçada de bloqueio nos seus proprios mares? Foi preciso chegar-se ao seculo XX para que tal prodigio se visse! Não ha quem ignore — e nestas despretenciosas chronicas numerosas referencias temos feito a essa tradicional politica naval Inglesa — que a Inglaterra nunca admittiu emulas ao seu poder maritimo.

Desde o seculo XVI, systhematicamente, invariavelmente, inexoravelmente, a Inglaterra

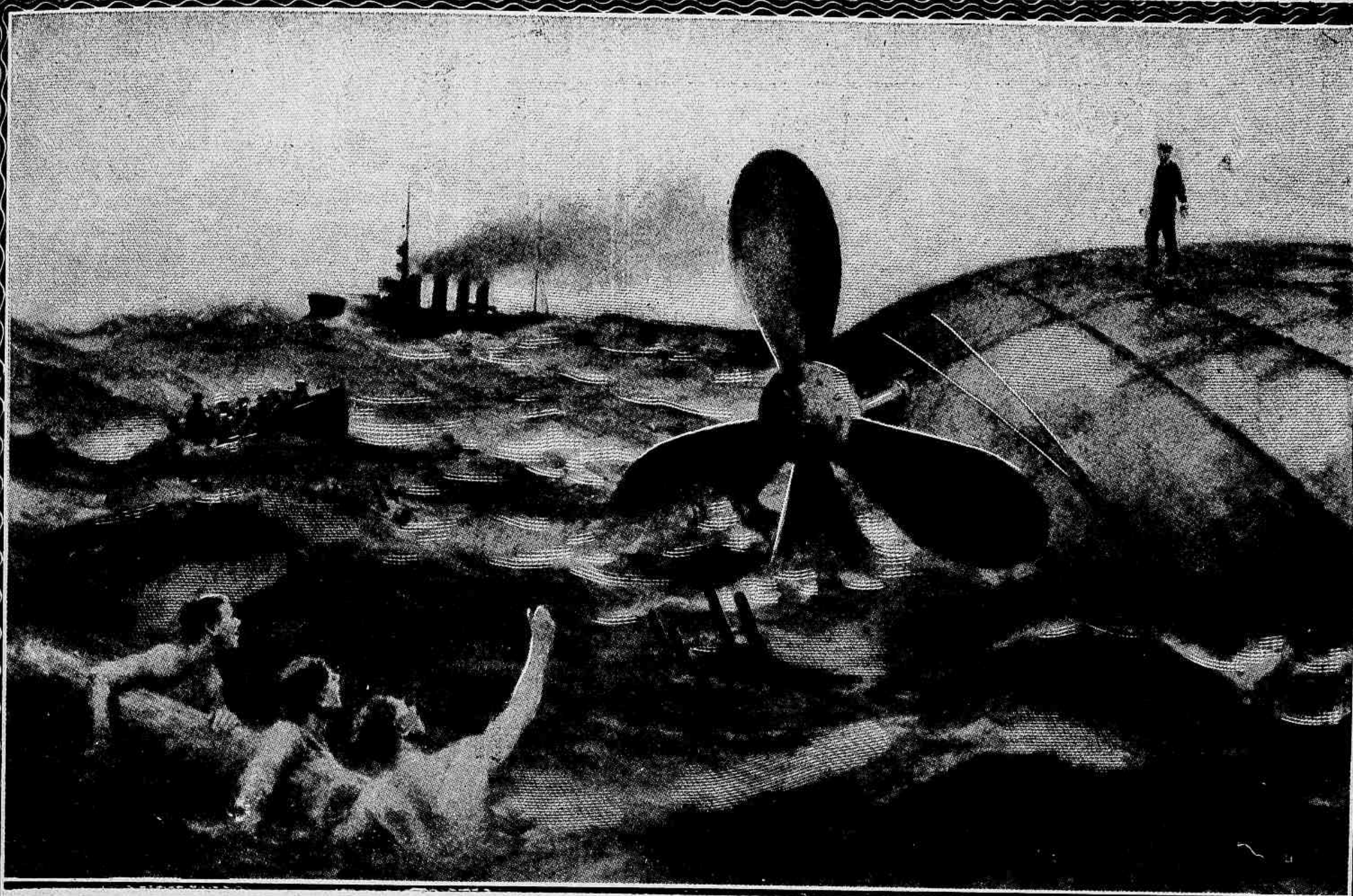
atacou e destruiu pela offensiva as nações maritimas competidoras. Ha uma cousa que os plumitivos e os conferencistas, os commentadores de telegrammas e os vociferadores de café, não conseguem, não podem adulterar: a Historia.

A todos desafiamos a que nos apontem na vastidão da Historia uma só vez em que a Inglaterra (tão nobre e generosa na paz como descaroavel e inflexivel na guerra) haja consentido em que o dominio dos mares se repartisse com outro ou outros povos.

O seu sombrio ciúme é terrivelmente proverbial. Uma por uma — no seculo XVI, a Hespanha, no seculo XVII a Hollanda, nesse mesmo seculo e no seculo XVII a França, — ella destruiu nos mares as nações que lhe faziam sombra, e a sua amizade com a França só se tornou possível quando, depois de lhe ter aniquilado as esquadras, depois de lhe ter arrebatado, desde o Canadá ao Egypto, a reduziu ás condições de não poder prejudicá-la. Os grandes almirantes britannicos, desde Drake — o homem de Izabel — até Nelson — o homem de Pitt, — nunca admittiram sequer o eclipse ephemero da omnipotencia maritima inglesa que corresponde a uma deffensiva prudente. No mar, a Inglaterra foi sempre aggressiva; e os povos contemporaneos, que combatem pelas armas ou pela palavra o militarismo prussiano, que não representa um perigo senão para as nações suas limitrophes, nunca se insurgi-

O Primeiro Lord do Almirantado Britannico, Mr. Winston Churchill, conferenciando com o Almirante Sir. John Jellicoe, commandante em chefe da "Home Fleet".





Os sobreviventes do cruzador inglês "Cressy", posto a pique, com o "Aboukir" e o "Hogue", no dia 22 de Setembro, pelo submarino alemão "U 9". Sobre o casco do "Cressy", que se voltou antes de submergir-se, vê-se o seu commandante, capitão Robert W. Johnson, que desceu ao abysmo com o seu navio.

ram contra a tyrannia naval inglesa, que abrangia todos os mares do globo e, implicitamente, todos os paizes com littoral marítimo!

E nem sequer se diga que essa omnipotencia naval não affrontara nunca os povos nem se impusera ás nações. Attesta-o Gibraltar; attesta-o Suez; attesta-o Malta; attestam-no o Canadá arrebatado á França, a India submettida a ferro e fogo, as minas de Ouro do Tranvaal e os jazigos de mantiferos do Orange arrancados aos boers, uma parte da Rhodesia apprehendida a Portugal: a composição de todo esse gigantesco imperio sobre o qual fluctua o pavilhão vermelho e azul da Grã-Bretanha: essa Roma dos mares, que detem sob seu dominio, na America, na Oceania, na Africa e na Asia, uma setima parte da area da terra!

Isto porém, não vem a proposito para esclarecimento do leitor, no que hoje temos para archivar nesta memoranda da guerra, sem outras pretenções que não seja a de descrever (e não criticar) os acontecimentos.

A Allemanha, que até hoje, com excepção do pequeno combate de Heligoland (ferido pelos ingleses dentro ainda dos principios classicos dos seus antigo almirantes e segundo a orientação offensiva de Nelson) tem representado sempre nos mares o papel de atacante, ameaça a Inglaterra, ao fim de 6 meses de guerra, de a isolar. Eis, com toda a claresa das cousas laconicas, o facto assombroso. Mas é um bloqueio, de facto? Que

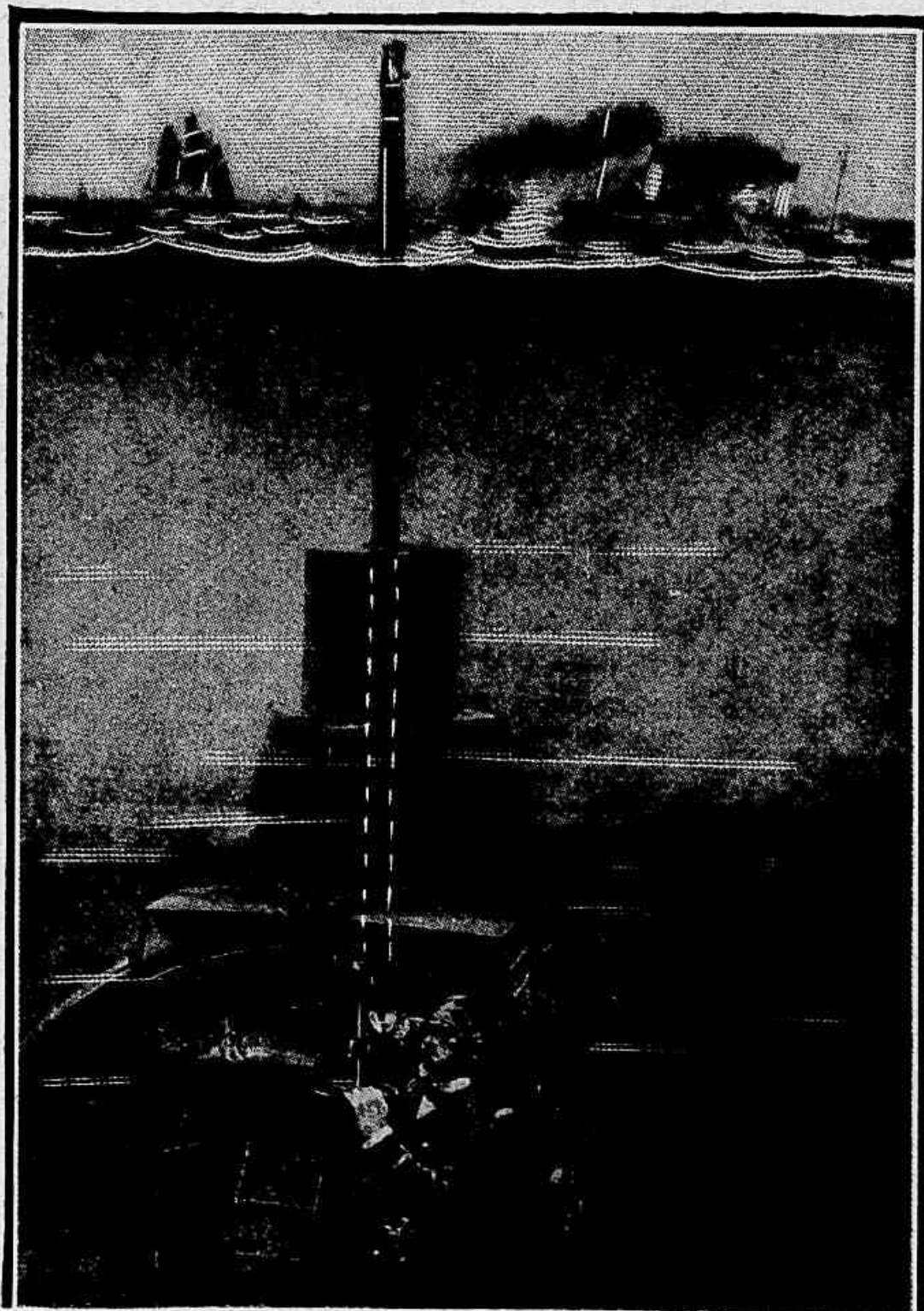
importa que o não seja? Evidentemente, na accepção literal da palavra, não é um bloqueio. Os bloqueios, militar e juridicamente fallando, resultam do dominio indiscutido do mar. São a consequencia natural da victoria ou da superioridade naval. Ora, os allemães não venceram a formidavel esquadra inglesa. Esta se acha quasi

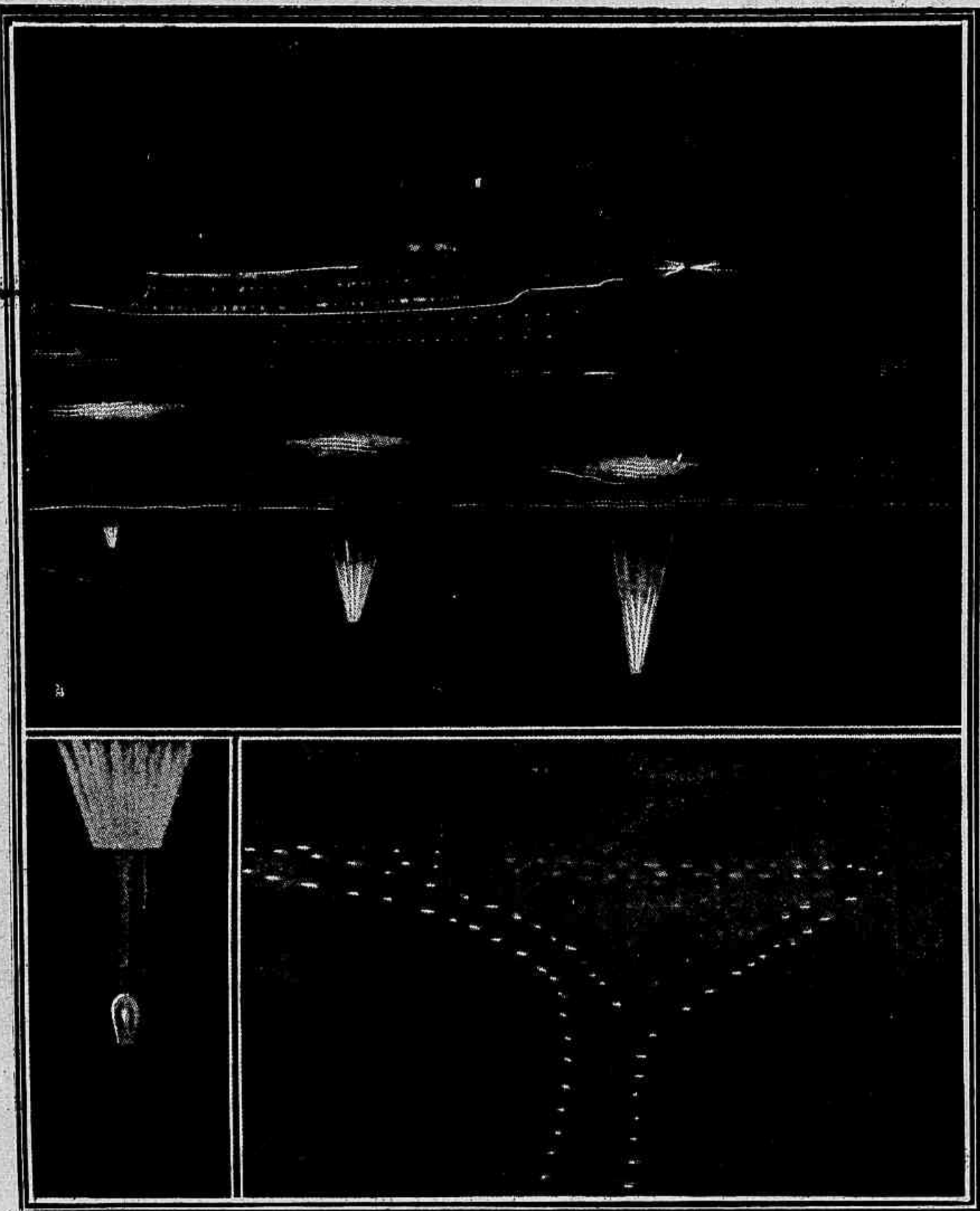
intacta, como, aliás, a allemã. A superioridade continua pertencendo á patria de Nelson. Mas essa superioridade não impede que a audacia, a sciencia, a coragem e a força allemãs ameacem e intimidem a Inglaterra.

Não lhe convindo expôr a sua esquadra de dreadnoughts a um embate desproporcionado com a Home Fleet, a Allemanha continua guardando nos portos os seus couraçados e bloqueia a Inglaterra... submarinamente.

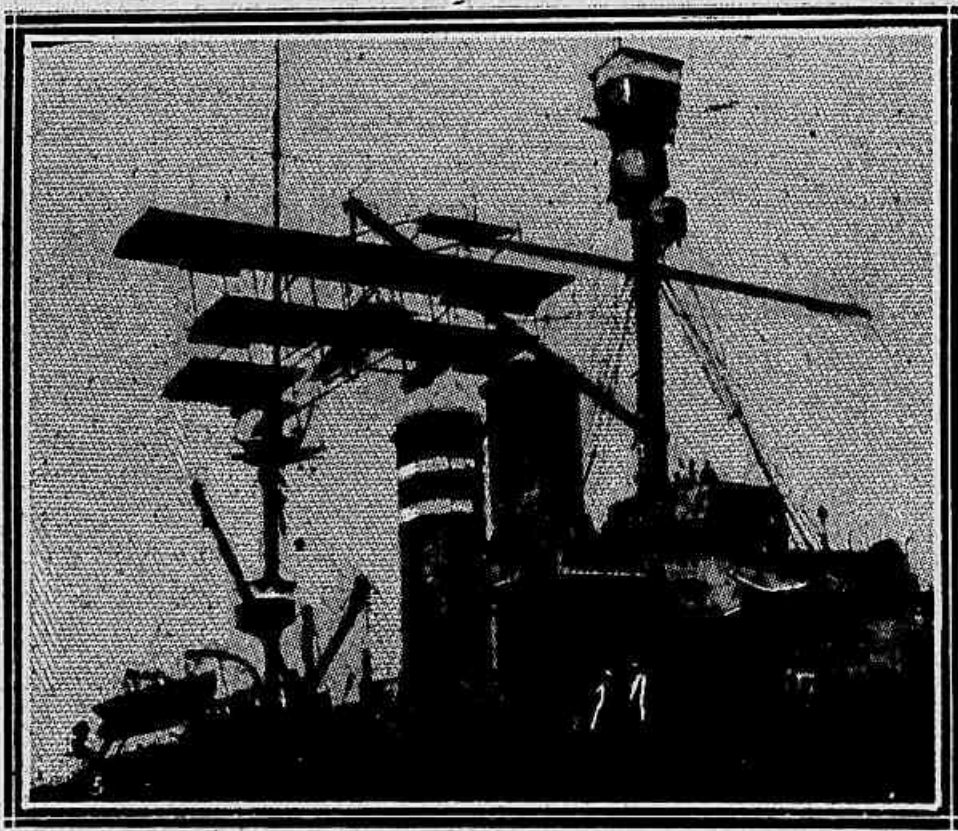
Pode chamar-se bloqueio á acção atemorizante distribuida aos submarinos, encarregados de manter o terror, de espalhar o panico em volta das Ilhas Britannicas, de modo a affastar, quanto possivel, a navegação mercante? Certo não pode. Tanto mais que o bloqueio implica uma acção permanente, e as esquadilhas de submarinos vão ag. intermitentemente. Mas pelos seus resultados, esse cerco mobil e invisivel pode representar um verdadeiro bloqueio, afugentando parte da navegação das costas inglesas, creando novos embaraços ao commercio britannico, aggravando de modo alarmante o pro-

O Periscopio—O periscopio é o olhar do submarino. Este maravilhoso instrumento é constituido por um longo tubo, cuja extremidade emerge das aguas, e cujas lentes reflectem as imagens abrangidas por um vasto raio visual.





As lampadas submarinas com que, nas costas da Inglaterra, atravez das zonas minadas, é indicado o caminho livre á navegação mercante



O transporte de um hydroaeroplano a bordo de um couraçado

blema das subsistencias, e, consequentemente, influindo para depreciar o prestigio da altiva e poderosissima Albion.

Ha seis meses, a ameaça da Allemanha faria recebentar a rir o arrogante John Bull. Toda a Inglaterra riria, como de uma pilheria de *music-hall*. Porém, hoje, seis meses passados sobre a abertura das hostilidades, a Inglaterra não ri. Perdendo a sua altiva *morgue*, o governo inglez protesta indignadamente contra a acção deshumana praticada pela Allemanha.

E então, se a Inglaterra protesta, é porque é serio? Mas com certeza que é serio, meus senhores, e tão gravemente sério que ninguém pode calcular as consequencias, neste momento ainda problematicas, da represalia allemã. Mas então a Inglaterra não tem, como annunciou, o pleno dominio dos mares? Tem, mas só dos mares onde não navegam as unidades de guerra da esquadra allemã. O

Baltico é hoje um mar allemão. O mar do Norte, justamente o mar que banha o littoral norte e oriental da Inglaterra, encontra-se convertido num campo de batalha, como a Flandres e como a Polonia russa! Na propria Mancha os submarinos allemães navegam e atacam! Esses submarinos, em *raids* audaciosissimos, já deram a volta á Inglaterra, já torpedearam navios no Havre!

A Inglaterra, que por decreto de 3 de novembro declarou zona de guerra, interdicta á navegação, uma grande parte do Mar do Norte, não recuando perante as lesões gravissimas que uma tal resolução ia causar á Suecia, Noruega e Dinamarca; a Inglaterra que creou uma zona de minas á entrada da Mancha — insurge-se agora contra a represalia allemã.

Com que direito, se ambas estão extraviadas do Direito, se ambas, na defesa dos seus interesses, caminharam sobre as convenções internacionais e sobre os interesses dos neutros?

Não foi a Inglaterra que iniciou a obra diabolica de render pela fome o inimigo? Porque estranhar que este lhe pague na mesma moeda, intentando isolal-a pelo terror, como Napoleão intentou isolal-a pelo bloqueio continental?

Contra essa ameaça, a Inglaterra vae oppor todos os seus formidaveis recurso navaes, as suas flotinhas de *destroyers* e de submarinos.

A lucta vae ser tragicamente emocionante.

Ha ainda quem se mostre incredulo sobre a efficiencia dos recursos de que a Allemanha dispõe para realizar o seu plano.

Os acontecimentos responderão a essas duvidas, ou para as confirmar, ou para as destruir.

Mas não devemos esquecer que, ha dois mezes, o Almirante von Tirpitz, ministro da Marinha Allemã, annun-

ciava já ao representante da *Associated Press*. C. von Wiegand, o projecto de um bloqueio da Inglaterra pelos submarinos de um novo type, que seriam verdadeiros cruzadores submersiveis, podendo mover-se durante semanas longe da sua base de operações.



O Kaiser e o Imperio dos Mares

(Composição humoristica inglesa)



JAMAIS esquecerei esta galante lição. Encontrava-me, ha dias, n'um salão elegante de Petropolis, sentado ao lado de uma senhora de idade, que soube conservar a mocidade do espirito e das maneiras. Uma grande bondade reflectia-se nos seus dôces olhos experientes, avivados por um ligeiro traço de *kohl*. Era destas senhoras a quem a idade não deu a secca severidade, sem indulgencia, que tantas vezes desfigura a belleza suave da velhice, e que não se despedira ainda desses restos de *coquetterie* que são consentidos ás avós que foram bellas. Sob um seio já sem firmesa, advinhava-se um coração cheio de bondade. Amavel e encantadora, ella sabia praticar o principio generoso de M^{ne}. de Sevigne: *pardonner au présent de vivre à son tour*.

— Como estamos longe, — disse-me ella, suspirando, — dos salões antigos do Imperio! Sei bem que muitos annos passaram, e que o progresso e os costumes continuam a sua infatigavel jornada, e que a electricidade necessariamente havia de illuminar aspectos differentes daquelles que as velas, os candieiros de azeite e os bicos de gaz illuminaram. Mas o que me surprehen- de é vêr que hoje, quando tanto se requintou o espirito das mulheres e a sua illustração — pois nós eramos bastantes timidas e ignorantes no tempo de S. M. a Imperatriz, — não se alterou a futilidade nem se desenvolveu o gosto pela conversação. O tango e o *bridge* mataram a arte de conversar; e os proprios homens, que antigamente encantavam a illustravam os salões com o seu espirito e a sua erudição, não se dão mais ao trabalho de se fazerem admirar. Dança-se e joga-se. Já se não conversa. Porque? Os maldiscentes dizem que as mulheres de agora, com a sua vida movimentada e as actuaes exigencias mundanas não teem mais tempo para adornar com lindas ideias as suas lindas cabecinhas vasias... Nada de mais

injusto, entretanto.

Minhas netas leem Anatole

France e os poetas modernos.

Na verdade isso me

surprehen-

de bastante, porque

não posso

saber quando e como

ellas teem

tempo para

lêr... As compras, as provas de modista,

os chás, as corridas, os theatros, mil

cousas que encham os seus dias de-

masiados curtos para as conter, as ocu-

param desde a *toilette* da manhã até

à hora em que desfazem os penteados.

Mas o facto é que, bem ou mal, ellas

leem, e mesmo ás vezes leem o que

seria conveniente que deixassem de

lêr. Porque, então, ellas não con-

versam? Será porque não teem tem-

po para conversar? Inclino-me em

aacreditá-lo. Tem observado o que é

uma reunião elegante no Rio de hoje?

Principia por

que uma se-

nhora não se ves-

te para ir a uma

só reunião. To-

dos os dias da

semana, se ella

quer cultivar as

suas relações con-

scenciosamente,

ella tem de per-

correr tres ou

quatro chás ele-

gantes. Entram

numa sala: dez

minutos para os

cumprimentos,

dez minutos para

os bonbons, dez

minutos para as

despedidas... Faz

se tarde. E'

necessario par-



tir... Foi para esta existencia febril que se inventou o automovel. Sem o automovel tudo isto seria impossivel. E como, nestas condições, manter uma conversação? Em todos os tempos, os homens é que presidiram com o seu exemplo a estes cenaculos litterarios e espirituosos que dantes eram os salões elegantes. Hoje, os homens parecem gostar das mulheres de outra maneira. Não se dão ao trabalho de se fazerem admirar. Outras occupaões lhes to- miam o tempo e os absorvê. Será por- que tudo perderam de quanto nelles era merecedor da admiração das mu- lheres? Talvez não. Mas os homens de hoje teem os seus *clubs*, teem outras mulheres que não frequentam salões, teem o *bridge*, como expediente admi- ravel para justificar o seu silencio. E comtudo, agora ha academicos! No meu tempo, os homens illustres eram apenas socios do Instituto Historico e Geographico... Não tinham uniforme, nem espadim... Mas tinham espirito, eram amaveis, eram sollicitos, eram até, ás vezes, fieis! Olhe esta linda sala. E' um espectáculo lugubre. Quasi só se ouve o ruido dos tentos de marfim e madreperola nas mesas de *bridge*. E queixam-se os senhores das mul- heres! Quanto os senhores são culpados e são injustos!



O anniversario da morte do Grande Chancellor



1 — O tumulo do Barão do Rio Branco, no Cemiterio de S Francisco Xavier, no dia do anniversario de sua morte. 2 — Um aspecto da assistencia á missa mandada celebrar na Igreja de S. Francisco de Paula pelos funcionarios do Ministerio das Relações Exteriores.

PASSOU no dia 10 o 3º anniversario da morte do grande Chancellor Brasileiro, o insigne Barão do Rio Branco, que inaugurou no novo regimen, com um talento e um tacto exemplares, o programma que consistiu em elevar o Brasil, diplomaticamente, nas suas relações internacionais, á altura condigna da sua importancia geographica e politica.

Certo, antes da sua obra admiravel, o Brasil era já, pela sua extensão, pelos seus recursos e pela sua civilização, uma grande potencia americana. Mas era uma potencia, por assim dizer, inerte. Ao Barão do Rio Branco coube a gloria de, por uma série de iniciativas felizes, arrancar a Republica desse estado de inercia internacional.

Essa obra, tão superiormente continuada pelo seu eminente successor, caracterisava-se na gerencia de Rio Branco no Itamaraty por uma actividade diplomatica intensa, documentada na resolução de problemas

de uma amplitude e gravidade taes que exigiam a influencia directa de um espirito superior e faculdades exceptionaes de ponderação, de sagacidade e de tacto, alliadas a uma illustração mais de erudito que de politico.

Diversas foram as commemorações prestadas á memoria do inolvidavel estadista. Na Igreja de S. Francisco de Paula foram mandadas resar missas pela illustre familia do extinto e pelos funcionarios da Secretaria das Relações Exteriores. O Centro Civico Sete de Setembro realisou uma sessão civica, presidida pelo Sr. Loencio Corrêa, em homenagem ao grande Chancellor, enviando uma commissão ao Cemiterio de S. Francisco Xavier depositar sobre o tumulo do Barão de Rio Branco uma corbeille de flores.

O tumulo, que o Sr. D. Lauro Muller visitou, acompanhado pelos officiaes do seu gabinete, achava-se coberto de flôres e de corôas.



A FESTA DO CENTRO GALLEGO

Um aspecto da assistencia ao baile de domingo no Centro Gallego, que reuniu no vasto salão da sua sede, á rua Visconde do Rio Branco, um grandissimo numero de associados



A Arte na Educação da Mulher

(Continuação)

INFELIZMENTE, hoje, por toda parte, a moda caríssima vae sendo mais appetecida que a moda puríssima; e mais chamam os olhos os vestidos ricos que os vestidos lindos. Diz Paul Adam que «a belleza abdicou em favor da sua filha bastarda —

em grotescas estilizações, a que ella passivamente se sujeita, por não ter em si um principio forte de estesia em que se fundamentem e que a defendam.

Pelo penultimo figurino, a mulher moderna desprezava-se em tres



a moda». O luxo exagerado dos tempos modernos está pedindo um novo Savonarola, mas, ao contrario do outro, um Savonarola estético, que troveje indignações contra tão nefastos desvios.

Para além de semelhantes considerações estultas, que só se demoram nos cerebros miopes dos frandunos endinheirados da noite para o dia, ou nos das millionarias exhibicionistas; — para além de tudo isto, está a simplicidade artistica, está o bom-gosto, arbitro supremo. Bom-gosto, tenuissimo juizo, é essa esperta visão que, na escola, intervem e se decide pela harmonia e pela graça. Instintivo quasi sempre, illustrado ás vezes, quem o cultiva apura em si o mais certo e delicado instrumento de apreciação artistica.

Mas entremos um pouco mais na materia especial desta conferencia e indiquemos o caminho que a mulher tem a seguir, para fazer uma educação estetica, sem a qual não ha verdadeira distincção de espirito.

Comece a mulher por estimar a sua propria pessoa physica, nas suas linhas e proporções representativas de belleza, no equilibrio da saude, que a hygiene mantem e avigora. Diz Shakespeare que o corpo é o nosso jardim e o jardineiro a nossa vontade. O cuidado, a estima do corpo, que o exercicio torna resistente, agil e harmonioso, são passos no sentido da Verdade e do Bem. A saude é conquistadora, a saude dá alegria, e no lar a alegria é sol que tudo esmalta. Assim se caminha para a Verdade, para o Bem, para a Belleza, para a Arte. Parecem quatro caminhos diferentes, mas não são senão quatro estradas convergentes para uma avenida bella — a da Moral. Assim o entenderam os gregos e, em especial, os estoicos que confundiram, n'uma só, as ideias de Virtude e de Belleza, classificando os crimes como actos feios, e as bondades como actos bellos.

O corpo da mulher é bello. Ha nelle aquella «divina medida» de que falava Leonardo da Vinci, Que a Mulher comprehenda isto através dos mais serenos juizos esteticos, que conduzem o espirito ao respeito da personalidade humana, e á exaltação da sua belleza. Esta ideia, uma vez nitida e fixa, defenderá a mulher das invasões do mau gosto das modas industriaes, que, por vezes, lhe deformam o corpo

quartas partes do seu corpo. Ventre, ancas e pernas passavam a ser cousa sem valia — passavam a ser o suporte simples, cylindrico e fugidio, do bem moldado busto curto em que se concentravam todas as atenções e cuidados. Subindo a cinta, estreitando os quadris, retezando a saia esguia, em extremo ajustada — apresando desprimorosamente as pernas — o peito salientava-se opulento, airoso, ufano, a respirar liberdade, alegria e força, contrastando a melodiosa graça das suas curvas na severa linha da saia recta. Este figurino estilizava a mulher numa flôr em que a corolla fosse o busto, e o pé a saia. Era moda romantica e doentia. Litteraria, realizava plasticamente o typo abstracto da mulher quasi só peito, como quem diz, só coração, só meiguice, — só sentimento. Moda para valsas dolentes, em que se não cinge uma mulher, mas uma flôr, em que se não enlaça um corpo, mas um busto — vaso de affecto, deixando-se ondular nos rythmos devaneadores, a instillar nas almas enamoradas o perfume melancolico das illusões.

A ultima moda feminina, tem, entre outros, este defeito, em flagrante contradicção com o espirito das sociedades modernas; — a falta de liberdade. Todos os movimentos são ahi aprisionados; e esta nova escrava, embaraçada em peles, tolhidos os braços, sua flexuosidade exagerada até ao torcimento, caminha em passos pequeninos como se nos seus frageis tornozellos se anilhasse a cadeia de ouro que, outr'ora em Cartago, regulava o andar miudo de Salambô, na avenida dos cyprestes dos jardins de Hamilcar.

Não deve ser assim. Este e outros figurinos são erradas estilizações.

O justo, o são criterio do vestido da mulher é o seu proprio corpo, nas linhas bellas da perfeita graça na perfeita saude. O vestuario é, na mulher, a instinctiva arte graciosa e maliciosa de revelar o corpo, velando-o, pois assim o ordena, com astucia e poder, a soberana Natureza — tutora da especie — que de todos os artificios e engodos se serve para insinuar as sympathias dos sexos, envolvendo-os e prendendo-os nas eternas leis do amor triumphante.

Mulheres, sabeis que é um dever religioso enfeitar-vos! Aformoseai-vos, porque Deus só se agrada d'aquillo que no interior é pura intenção e no aspecto pura harmonia. Enchei o coração de estetica simplicidade e elle vos ensinará a atinar de prompto com as côres que ficam bem com o tom da vossa pele, dos vossos cabellos, dos vos-

sos olhos; com as linhas que se afinam com as da vossa figura, dos vossos gestos, e, mais bello ainda, com as da physionomia intima do vosso modo de ser gentil e individual. Cuidae primeiro do corpo, cuidai depois do vestido. O trajo mais rico é sempre cousa pobre comparado á belleza do vosso corpo, quando esbelto. Não o desfigureis. Não o estilizeis. Amai-o na sabia euritmia da sua medida e contornos; moldai, em linhas nobres, a vossa nudez divina; insinuai nessa harmonia a serenidade antiga dos áticos marmores — irreductivel belleza que resiste ao tempo; emfim, fazei de tal arte que o vestido seja o sorriso honesto da formosura que se não vê.

ANTERO DE FIGUEIREDO.

(Continúa)



Club 24 de Maio



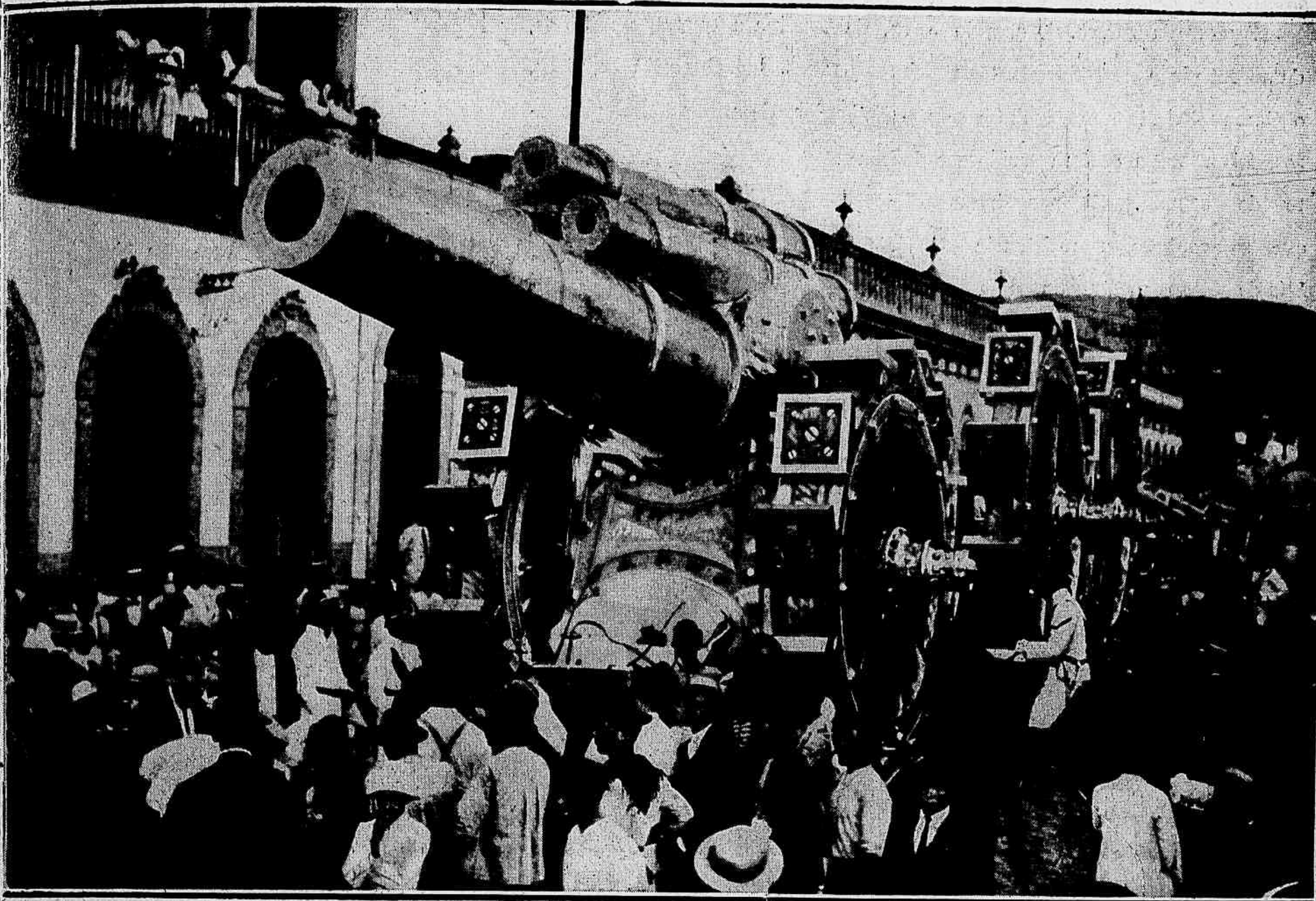
Aspecto do baile de sabbado no Club 24 de Maio

O Carnaval da Crise! Assim o denominavam já os que, entre tantas fallencias, prophetisavam tambem a fallencia do carnaval. E entretanto, todos nós o vimos incorregivelmente alegre, superior ás desgraças, desafiando a crise com a sua estrondosa galhofa. Como sempre, o Carnaval do Rio, e embora sem o esplendôr dos tres prestitos classicos, este anno redusidos a um só, foi a mesma *kermesse* jubilosa, o mesmo delirio colectivo, o mesmo phrenetico anseio de praser que galvanisa a cidade inteira, desde a periphéria dos suburbios até á Avenida Central, e que a fazem viver tres dias de estrepitosa alegria. O Rio tem a vocação do praser e o modo como elle, nesta hora de panico, conseguiu salvar da decadencia a sua grande festa tradicional, tem qualquer cousa de heroico.

Não podem as formigas cariocas repetir ás cigarras a phrase da fabula, porque até as formigas no Rio, cantam... e dançam no Carnaval! **Z**



O PRESTITO DOS "PIERROTS" DOS TENENTES



O prestito organizado pelo grupo dos "Pierrots", filiado nos Tenentes, foi, como as nossas gravuras mo ram, reprodu-



zindo o carro "420 alemão" e o carro da "Paz", uma allegoria da guerra. Assim a tragedia européa entreveio na folia do Carnaval de 1915

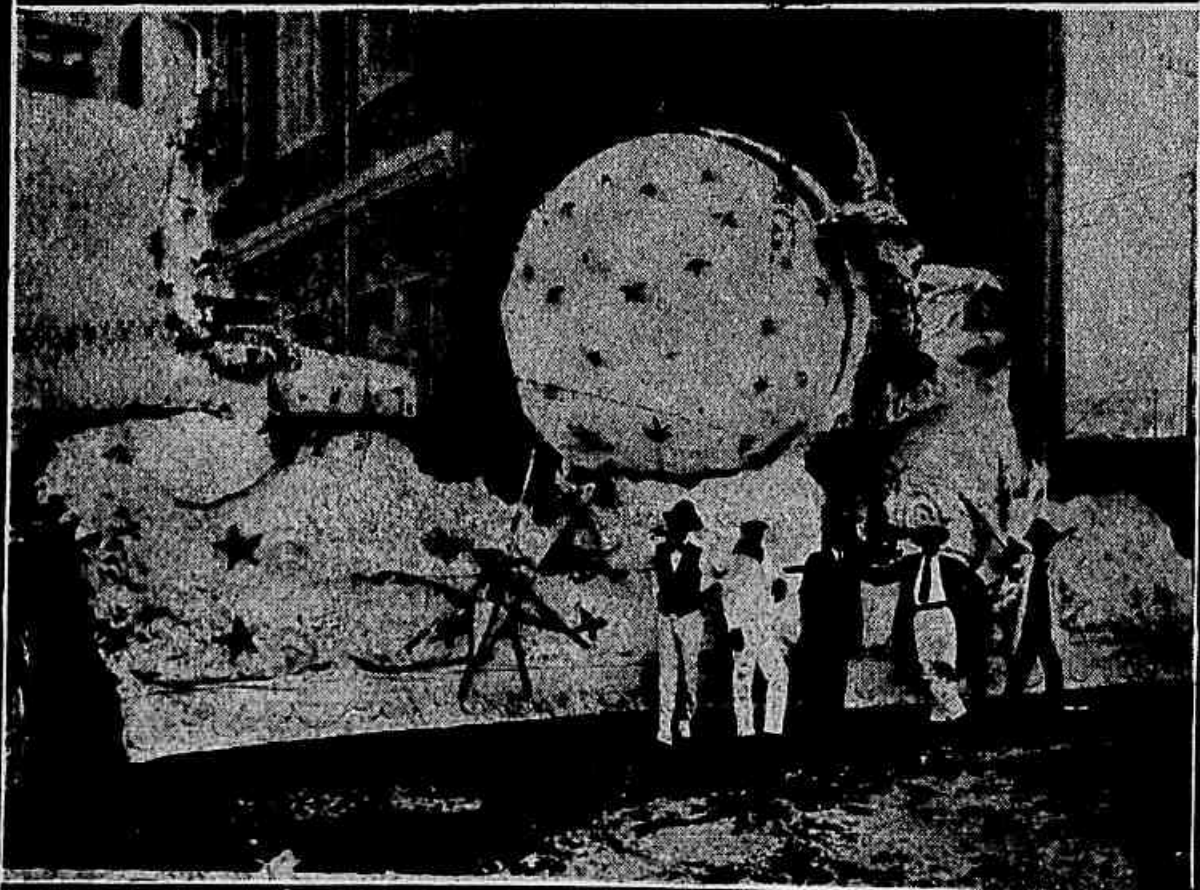
ASPECTOS DO CARNAVAL DE 1915

Apesar da guerra, do cambio a 12, da gasolina a quarenta mil reis, da moratoria e da redução dos vencimentos dos funcionarios publicos, o Carnaval deste anno, embora sem o esplendor de annos mais prosperos, foi a mesma festa ruidosa e delirante de sempre. E' nas horas difficeis que se conhece a resistencia da fé. Os feis de Momo mostraram uma rara e intrepida constancia no seu culto. Merece uma particular referencia no Carnaval de



1915 — que na sua expressão popular revestiu o caracter de uma formidable satyra politica, — o curso em Botafogo, na tarde de segunda-feira; que foi uma festa brilhante e elegantissima, onde triumpharam a belleza e a graça da mulher brasileira.

Ainda uma vez se provou que, simultaneamente com o Carnaval popular, o Rio póde e deve crear e manter um Carnaval elegante, no estylo do de Nice.



1, 2, 3 e 4 — Aspectos das ruas. 5 — Dous dos carros do prestito dos Progressistas Suburbanos

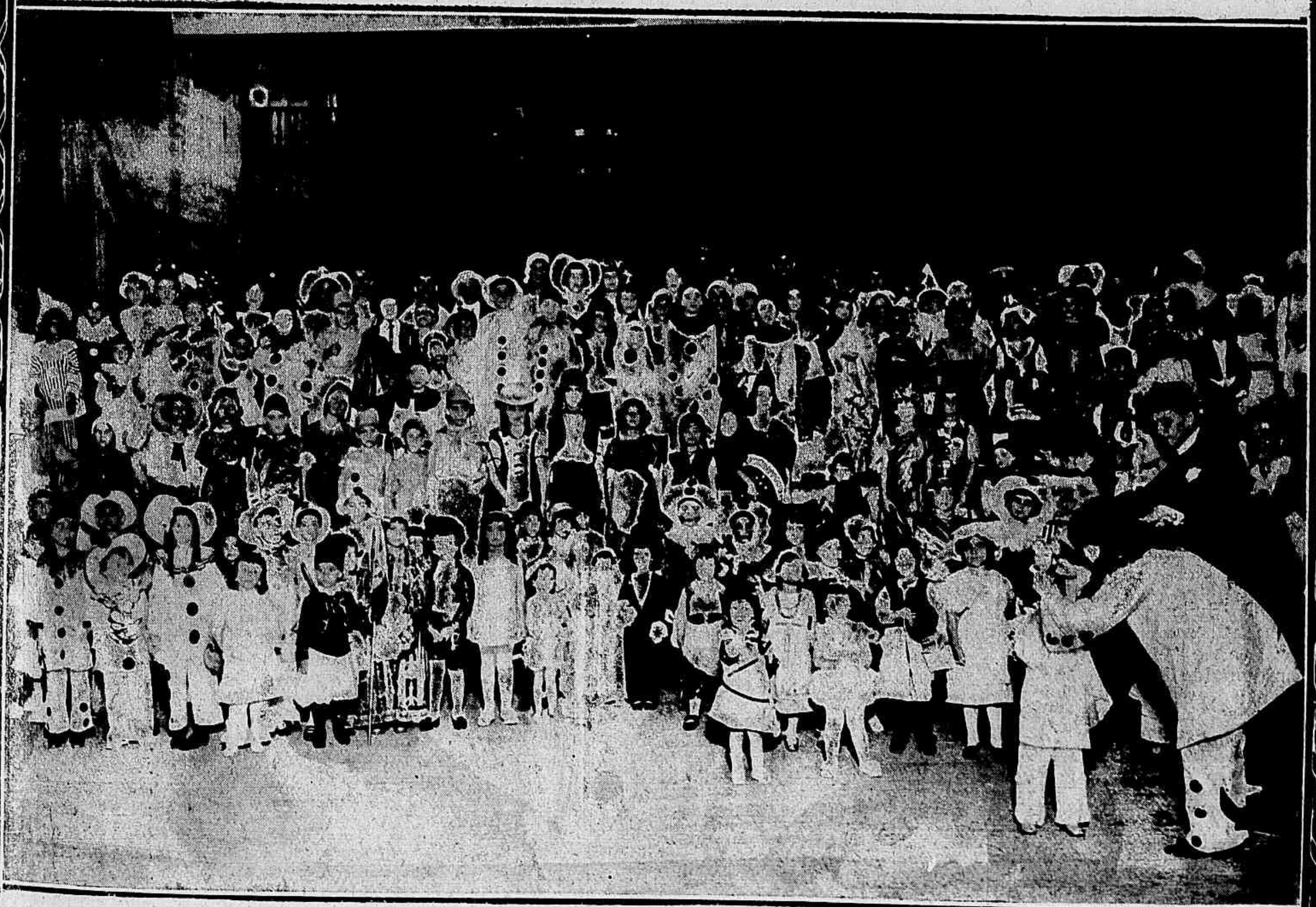
O Baile Infantil

DA

"Gazeta de Noticias"
no S. Pedro



Ha muitos annos que o baile infantil da segunda-feira gorda, instituido pela "Gazeta de Noticias", se realiza com um exito brilhante. E' ja, pode diser-se, uma festa classica. Como sempre, o lindo baile das criancas, que desta vez teve



logar na ampla sala do S. Pedro, foi um successo. Como ha de decahir o Carnaval do Rio, se as gerações futuras se preparam desde a infancia a consideal-o a festa suprema da Alegria?



O Baile Infantil no "Recreio" promovido pela "A Noite" — Aspectos da assistência ao baile infantil organizado pelos nossos distintos colegas d'"A Noite", o brilhante vespertino, que occupa um



tão saliente logar na Imprensa do Rio. A festa, que foi encantadora, realizou-se no theatro Recreio e a ella concorreram centenares de crianças, na sua maioria fantasiadas, que encheram asala e o jardim com a sua alegria.



Convidados que assistiram no dia 11 do corrente mez á reabertura do conhecido e acreditado restaurante denominado STADT MUNCHEN, estabelecido á Praça Tiradentes n. 1. Nesse grupo vêm-se os representantes da imprensa, representantes de todas as classes sociaes e empregados do mesmo estabelecimento. Sentados e vestidos de branco estão o Sr. Aurelino de Carvalho e seu socio Sr. Ernesto Tubino, proprietarios do STADT MUNCHEN, acompanhados de suas respectivas familias.

Os Srs. Aveilino de Carvalho & C. foram extremamente gentis para com os seus convidados e aos dignos cavalheiros desejamos excellentes negocios.

Publicação semanal de romances

Romance do Povo

Fascículo de 32 páginas com gravuras 300 rs*

Romances publicados e em publicação :

Martyr do Amor, de Hector France; *Maldita*, de Maxime Villemer; *Crimes de Amor*, de Pierre Decourcelles.

Estes auctores são os mestres do romance popular, romances interessantes e commovedores.

Assignatura annual (52 fasciculos) 15\$000 réis.

Pedidos á Secção Editora do "Jornal do Brasil"—Rio de Janeiro.

SAIAS E BLUSAS

E' simplesmente deslumbrante o sortimento de SAIAS, BLUSAS, BOLSAS, ROUPA BRANCA, e ARTIGOS PARA CRIANÇAS que a "Agua de Ouro", Ouvidor 169, acaba de receber e expõe a preços verdadeiramente inconfundiveis. Saias de linho branco e sarja azul com e sem tunica, modelos elegantes.



Póde V. Ex. apontar uma outra marca de cigarros que possua taes predicados?

José Francisco Corrêa & Comp.
Assembléa, 94-98---Rio

QUANDO V. EX.

Precisa de um medicamento, procura certamente o que haja de melhor e de effeito mais seguro, porque um máo remedio poria em risco a sua vida.

PORQUE RAZÃO

Quando quer fumar não usa os delicados cigarros Vanille em vez de usar esses cigarros ordinarios e baratos que infestam o mercado, que são tão perniciosos como as más drogas?

TENHA SEMPRE EM MEMORIA

Que os cigarros Vanille são producto da reputada Fabrica Veado, o que é uma garantia da sua indiscutivel superioridade. Além disto, os cigarros Vanille

SÃO hygienicos,
SÃO agradaveis,
SÃO os cigarros do Grand Chic,
SÃO perfumados,
NÃO atacam o estomago,
NÃO arruinam o systema nervoso.

O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico

Rua Ouvidor, 151 — Rua Quitanda, 79
 (canto Ouvidor)

FILIAL: Rua Rosario n. 26 (S. Paulo)



O Pó de Arroz Hygienico de Mm. SEL-DA PÓTOCKA é o melhor preservativo da pelle contra os effeitos do sol.—A' venda no

PARC ROYAL

A sociedade depende das mulheres. Todos os povos que teem o infortunio de escondel-as são insociaveis.—***

A mulher desesperar-se-ia, se a natureza a tivesse feito do feitio que as modas lhe attribuem. — Mademoiselle de Lespinasse.

A mulher não perdôa nunca áquelle a quem ama, a alegria que ella lhe não causa.—***

O estouvamento das mulheres serve-lhes de juizo: as que são doidas de mais, raras vezes fazem doidices.—J. J. Rousseau.

Saber resistir ás mulheres, é a gente dar melhor opinião do seu character do que do seu coração.

As declamações contra as mulheres proveem de uma destas tres causas: máo coração, má escolha ou má companhia.—Ad. Dufresne.



Do eminente sociologo, Sr. Dr. Alberto Torre^s recebemos exemplares das suas motaveis e recentes obras: «*O Problema Nacional Brasileiro*» — Introdução a um programma de organização nacional; e «*A Organização Nacional* — 1^a. Parte, A Constituição».

Estes trabalhos monumentaes são resultado de estudos detidos e de observações assentadas, em uma já longa carreira politica. São trabalhos de reflexão e de experiencia, sobre elementos positivos da Historia e da vida social, em que dados scientificos e factos foram elaborados, para as conclusões, com o rigor empregado nas pesquisas da sciencia.

Pervertida, como está entre nós, a noção da Politica, e confundidas as suas idéas, nessa atmosphera vaga — entre litteraria, rhetorica e metaphysica (no sentido pejorativo, usual) — dos debates e das polemicas partidarias, não só lhe ficaram as idéas toldadas, n'uma confusão incons-

ciente de palavras sonoras e de tropos, senão também perderam a força e vida da sua expressão moral e dinamica.

Principios e idéas são, entre nós, bandeiras de discussão e ornatos de polemica. Fora dos laboratorios experimentaes, o nosso espirito não tem a mais leve educação da realidade, da exactidão, nem mesmo da logica.

Essa é uma das grandes causas da nossa anarchia. Assim o illustre pensador conduz os seus trabalhos de forma a que as suas illações e inferencias se possam dizer conclusões immediatamente assentadas sobre os dados concretos, ou processos rigorosamente logicos, sobre series successivas dessas conclusões: analyse e synthese positivas, em summa. Disto resulta que não só o conjuncto deste trabalho forma um todo harmonico de pensamento, senão, que, também, cada uma de suas partes, como cada conceito e cada palavra, tem uma força e uma expressão, nitidas e inconfundiveis.



O Grão-Duque Nicolau—*Como vae isso?*
O General Joffre—*Menos mal. Avançamos cem metros em oito dias. E por ali?*
O Grão-Duque Nicolau—*Optimamente! Fazemos mais uma retirada estrategica.*

A DOUTRINA DE MONROE



A parede isoladora

(Do "Tennesian").

A MONOTYPO

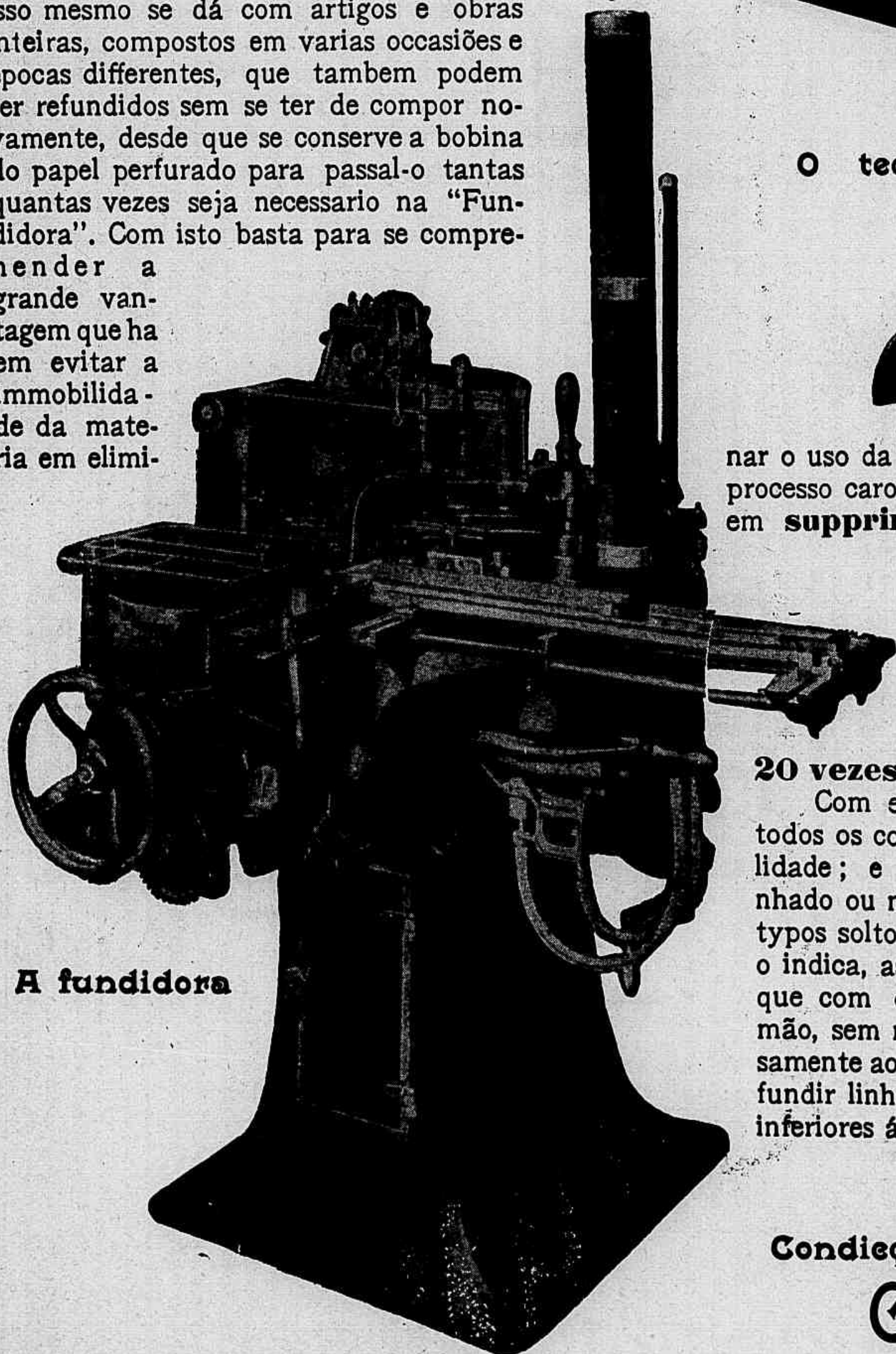
Vantagens da Machina "Monotipo"

A MONOTYPO :—E' a mais pratica e a mais perfeita de todas as machinas de compôr que até o presente tem sido apresentadas ao mercado mundial.

A MONOTYPO :—E' a unica machina que põe simultaneamente em função 225 matrizes, compreendendo quatro alphabets completos, isto é: redondo (maiúsculas e minúsculas), *gripho*, (maiúsculas e minúsculas), **VERSALETE**, **negrita**, (maiúsculas e minúsculas), cifras, fracções, signaes diversos e tambem pôde servir para compôr adornos complicados e outras vinhetas typographicas, impossiveis de se obter com outra qualquer machina de fundir. Compõe em todos os casos até 40 "ciceros" e faz uma infinidade de composições com extrema facilidade, desde o simples membrete até o raído de uma escala. Uma letra, uma palavra, um titulo ou qualquer outra composição, pôde ser repetida ou refundida tantas vezes quantas se desejem, sem necessidade de nova composição, e isso mesmo se dá com artigos e obras inteiras, compostos em varias occasiões e epocas differentes, que tambem podem ser refundidos sem se ter de compor novamente, desde que se conserve a bobina do papel perfurado para passal-o tantas quantas vezes seja necessario na "Fundidora". Com isto basta para se comprehender a grande vantagem que ha em evitar a immobilidade da materia em elimi-



O teclado



A fundidora

nar o uso da stertotypia, que é um processo caro e de muito volume, e em **supprimir absolutamente a compra de**

typos e o seu consumo, obtendo-se, em troca, a facilidade de se poder guardar o trabalho por tempo indefinido e com pequeno gasto, pois que a mesma tira de papel perfurado pôde servir de 15 a 20 vezes na fundição.

Com esta machina, fundem-se caracteres em todos os corpos, evitam-se "entrelinhas" com facilidade; e tambem pôde fundir-se corpo entrelinhado ou não. E, como tudo o que é produzido é em typos soltos, como o proprio nome de **Monotipo** o indica, as correcções effectuam-se da mesma fórma que com os typos das fundições de composição á mão, sem necessidade de parar a machina, e inversamente ao que succede com as demais machinas de fundir linhas inteiras, tão preconizadas, mas muito inferiores á **Monotipo**.

Preço rasoavel

Condições de pagamento facilimas

C. de Almeida

Agente Geral da LANSTON MONOTYPE CORPORATION LIMITED
AVENIDA RIO BRANCO 110 E 112

onde se poderá ver a machina e receber todas as explicações.

A REVISTA DA SEMANA é composta em machina Monotipo.

UMA GRANDE OBRA

O Diccionario das Seis Linguas

Com a pronunciação figurada de todos. Poupa a consulta de muitos dictionarios especiaes, pois comprehende
nada menos de

30 DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são :

Francez-allemão
Allemão-francez
Francez-inglez
Inglez-francez
Francez-italiano
Italiano-francez
Francez-hespanhol
Hespanhol-francez
Francez-portuguez
Portuguez-francez

Allemão-inglez
Inglez-allemão
Allemão-italiano
Italiano-allemão
Allemão-hespanhol
Hespanhol-allemão
Allemão-portuguez
Portuguez-allemão
Inglez-italiano
Italiano-inglez

Inglez-hespanhol
Hespanhol-inglez
Inglez-portuguez
Portuguez-inglez
Italiano-hespanhol
Hespanhol-italiano
Italiano-portuguez
Portuguez-italiano
Hespanhol-portuguez
Portuguez-hespanhol

«Nem só em Portugal, onde foi publicado, mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como obra *nimamente pratica e efficaç*, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um *diccionario redigido e coordenado com tanto esmero, qual é este* que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo.—*Alex Bruns*».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000 paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado em carneira, pelo modico preço de 10\$000
Pelo correio mais 1000 réis para porte e registro

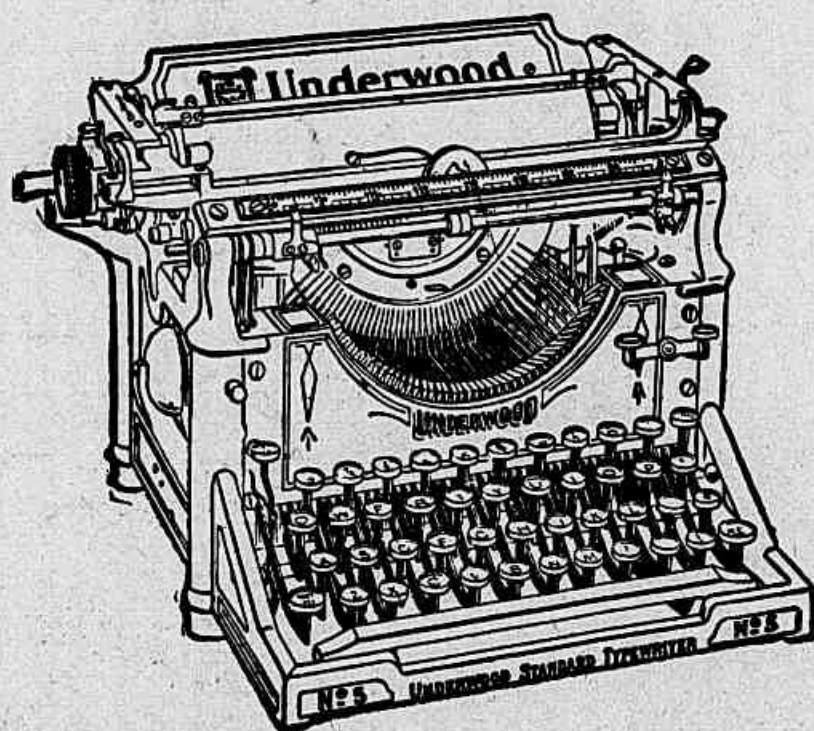
Pedidos á Secção Editora
do

JORNAL DO BRASIL

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 (2º andar)

RIO DE JANEIRO

UNDERWOOD



A MACHINA DE ESCREVER
PREFERIDA EM TODO O MUNDO

CLUBS:

5\$000

SEMANAES

CASA STANDARD